UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANDREI FERREIRA DE CARVALHAES PINHEIRO

DAS CARTAS AOS CHATS: A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA E A ESCRITA INFORMAL NO PAPEL E NA WEB

Rio de Janeiro
2021

ANDREI FERREIRA DE CARVALHAES PINHEIRO

DAS CARTAS AOS CHATS: A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA E A ESCRITA INFORMAL NO PAPEL E NA WEB

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2021

CIP - Catalogação na Publicação

P654c

Pinheiro, Andrei Ferreira de Carvalhaes
Das cartas aos chats: a variação do objeto direto de 3ª pessoa e a escrita informal no papel e na web / Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro. -- Rio de Janeiro, 2021.
73 f.

Orientadora: Vera Lucia Paredes Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2021.

1. Sociolinguística Variacionista Laboviana. 2. Objeto direto de 3ª pessoa. 3. Chat privado. 4. Cartas pessoais. I. Paredes Silva, Vera Lucia, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Das cartas aos chats: a variação do objeto direto de 3ª pessoa e a escrita informal no papel e na *Web*

Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro
Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

_____
Profa. Dra. Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva, Presidente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Profa. Dra. Jaqueline Barreto Lé
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

_____
Profa. Dra. Christina Abreu Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Profa. Dra. Lilian Coutinho Yacovenco, Suplente
Universidade Federal do Espírito Santo

_____
Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo, Suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Todos os garotos querem corujas, são muito úteis,
levam cartas e tudo o mais.”

Hagrid para Harry Potter,
em ***Harry Potter e a Pedra Filosofal***

“Fiquei impressionada, admirada com a internet.
A diferença entre a carta e a internet, eu acho,
é que você tem o prazer de escrever uma carta,
se comunicar mais minuciosamente,
mas é uma coisa mais longa,
mais demorada, não é igual à internet.
Então, eu fico com a internet,
porque acho maravilhosa.”

Minha Vó Dalva, de 94 anos,
em mensagem de voz por WhatsApp

Às minhas alunas e aos meus alunos
de um presente ainda jovem,
um hoje conturbado
e um amanhã que se apresenta aos poucos,
na esperança de que vocês entendam
e acreditem no poder da ciência.

AGRADECIMENTOS

Em 2020, tivemos que combater o grotesco: a negação à ciência. Em meio a um mundo pandemicamente devastado, foi negada – de maneira vil e constante – a letalidade da doença que se infiltrou entre nós. Mais do que isso: foram recusadas alternativas para vencer a doença. A ciência, no entanto, prevaleceu. Se hoje temos razão para vislumbrar dias sem máscara, novamente reunidos nas ruas e entre abraços, é nosso dever agradecer às cientistas e aos cientistas que, diante dos seus materiais de estudo, buscam maneiras de desvendar a nós mesmos e ao mundo à nossa volta. É à ciência e a todas as pessoas que trabalham no seu fazer – incansáveis e batalhadoras – que agradecemos. Registro, portanto, nesta página o meu agradecimento. Preciso abraçar as pessoas de quem sinto falta, e são vocês, cientistas, que tornarão os abraços possíveis novamente.

Na verdade, me vejo feliz. Há muitas outras pessoas a quem também preciso agradecer e, ao pensar sobre elas, percebo que, a distância ou não, estou em boas companhias. Tenho pessoas que reconhecem o poder dos estudos, da investigação e das descobertas alcançadas após observação sistemática. A essas pessoas – com quem quero rir e abraçar interminável –, agradeço.

À minha mãe, Blanche, que já me acolhia em sonhos antes mesmo de me abrigar em seu corpo. Presente de todo dia, presente em todo dia. Mãe que sempre quis ser mãe. Mãe que é amiga. Mãe que eu amo por amor construído – mais forte do que um amor pressuposto. A casa do seu coração leonino é o lugar mais acolhedor que existe. Ele acaricia, incentiva – de vez em quando, ruge alto – e abraça com braços de esperança.

Ao Geovane, a quem dedico o coração que ele mesmo habita. “Você é muito forte”, eu lhe disse em uma das nossas primeiras conversas mais longas, madrugada adentro. Do interior de Minas Gerais ao Mestrado em Enfermagem no Rio de Janeiro – você veio. O seu caminho é lindo, como você. Além do agradecimento que aqui lhe dedico pelo amor que pulsa entre os corações que se encontraram, quero também agradecer – a você e aos seus colegas de profissão – pelo seu trabalho na Saúde. Sem vocês, não há vida. Obrigado por lutarem por uma humanidade mais duradoura.

À Vera, minha amiga e orientadora desde 2014. Você me acolheu sem que me conhecesse. Eu ainda era universitário recém-nascido, quando recebi uma ligação sua, me convidando para fazer pesquisa ao seu lado. “Em Sociolinguística”, você disse. Não há dúvidas: você tem me ensinado a ser pesquisador e, por isso, dedico a você a minha trajetória, ainda

embrionária, na Linguística. Sem você, ela não existiria. Mas agradeço por muito mais: pelas histórias, pelos copos de mate, pelas fatias de bolo e pela música que, certa vez, você tocou para mim no seu piano.

À minha família de sangue. Passamos 2020 muito afastados. Contudo, sem vocês, não haveria vida que alcançasse esta Dissertação. Ela também é de vocês. É da Vó Dalva, a quem o mundo precisa conhecer, minha estrela em terra, sorrisos, abraços apertados e histórias que parecem compor várias vidas. É do meu pai, André, que trouxe Andrea aos meus dias, em uma trinca de Drés – Drei, Dré, Drea –, especial e carinhosa. Nunca falta bom humor. Nunca faltam boas músicas. É das minhas tias, Renata e Alcione, cujos olhos brilham de orgulho pela trajetória que temos percorrido. Orgulho tenho eu de ser sobrinho de vocês. É também de Rodrigo, Hugo e Vitinho, prime e primos que eu amo e me inspiram. Vocês são força nesse mundo.

À minha família construída. Às minhas amigas e aos meus amigos. Vocês – não tenho dúvida – sabem quem são. São os abraços dos quais 2020 me privou. São os abraços que quero sentir novamente. Obrigado por me acolherem nos mundos de vocês. Obrigado por tornarem o meu mundo um lugar muito maior – por tudo o que podemos fazer juntos – mas, em toda a sua amplitude, acolhedor – pois as nossas mãos, ainda que agora não possam se tocar, estão sempre juntas. Obrigado, com amor!

À Raquel e à Christiana. Tenham certeza de uma coisa: vocês mudaram completamente a vida de alguém. Não apenas por acreditarem em mim e me estimularem a seguir pelo caminho da docência, mas por me acolherem também como amigo. Vocês são boa parte da esperança que me move e do sonho que vivo toda vez que piso o chão da sala de aula. Não é segredo, tampouco é novidade, mas marco nesta página (outra vez mais) o amor que sinto por vocês.

Ao Marcelo, à Christina, à Lorena, à Conceição e a todas as outras pessoas, amigas, que o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua me apresentou. Obrigado por me moverem, por me estenderem a mão, por tornarem a pesquisa mais leve e a vida muito mais divertida. Não há pesquisa sem dedicação e rigidez; mas também não há pesquisa sem confiança – muito mais facilmente construída em amizade.

A Jaqueline Lé e Lilian Yacovenco. Agradeço a vocês, professoras, como à Christina e ao Marcelo, por aceitarem o convite para integrar a banca examinadora desta Dissertação em um período tão atípico quanto desafiador. Sou imensamente grato pelo olhar de vocês, que, não há dúvidas, certamente enriquecerá esta pesquisa.

A todas as professoras e a todos os professores que têm integrado esta história. Minhas professoras e meus professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Minhas colegas e meus colegas de trabalho no Colégio Mopi e no Centro Educacional Espaço Integrado. Obrigado pelos ensinamentos, obrigado pelos desafios, obrigado por me fazerem sentir bem-vindo. Sigamos em amor pela docência, lutando por ela e dentro dela. Agradeço especialmente à professora Carolina Serra, que viu em um aluno do primeiro período da graduação o interesse em ser pesquisador e quis levá-lo adiante. Sem você, Carolina, eu não teria conhecido a Vera. É também graças a você que esta Dissertação se mostra escrita.

Às minhas alunas e aos meus alunos. Este trabalho é para vocês. É por vocês que me dedico, na esperança de que possamos construir muitos saberes em parceria; de que, na nossa história, encontremos caminhos diversos, muitos talvez ainda não imaginados; de que cresçamos em confiança. Agradeço por vocês me acolherem como professor. Afinal, não há professor sem estudantes.

Novamente, à Blanche, ao Geovane e à Fernanda. Sei que já agradeci a vocês, mas agradeço agora por outro motivo: vocês foram meus suportes na escrita desta Dissertação: revisaram, deram ideias, se debruçaram sobre assuntos que não são conhecidos seus. Sobretudo, vocês me mantiveram longe da loucura. Obrigado por garantirem que, no momento da defesa deste trabalho, ainda haja um Andrei capaz de dizer alguma coisa.

Deixo, enfim, abraços aqui escritos, que gritam para pular do papel e ser livres, pois querem encontrar todas e todos vocês.

RESUMO

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. **Das cartas aos chats:** a variação do objeto direto de 3ª pessoa e a escrita informal no papel e na *Web*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2021.

Este trabalho se dedica à comparação entre chats privados e cartas pessoais a partir da análise da variação do objeto direto de 3ª pessoa. Esses gêneros discursivos são característicos da escrita informal e apresentam determinadas propriedades que os assemelham à conversação espontânea – ainda que em diferentes graus. Apesar das semelhanças, notam-se marcantes diferenças entre eles, como os suportes nos quais se realizam e o (as)sincronismo com que se manifestam: os chats, realizados em plataforma digital de modo majoritariamente síncrono; e as cartas, escritas em papel, de natureza assíncrona. Compreendemos ainda, com Marcuschi (2008), que os gêneros se distribuem em um contínuo de relações entre fala e escrita, a partir das propriedades pelas quais se constituem. Desse modo, observamos dados de objeto direto de 3ª pessoa em chats privados realizados pela plataforma Messenger em 2012 e em cartas pessoais escritas entre 1979 e 1984. Estabelecemos, pois, uma comparação entre essas duas amostras e a fala brasileira de períodos correspondentes (PINHEIRO, 2016; DUARTE; FREIRE, 2014), a partir da expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica – um fenômeno que, no português do Brasil, se apresenta diferentemente em textos da modalidade oral, com predominância da anáfora zero e escasso uso de clítico acusativo; e em textos da modalidade escrita, sobretudo quando produzidos com maior monitoramento, nos quais se notam esforços para resgatar o uso de clítico. Partimos, então, de uma perspectiva variacionista laboviana (LABOV, 2008 [1972]), à qual conciliamos princípios funcionalistas e a análise de gêneros discursivos. Assim, controlamos três grupos de fatores já verificados em amostras de fala como influentes na expressão da anáfora zero: a animacidade do referente, a distância referencial e a função sintática do antecedente. Os nossos resultados apontam para uma maior aproximação entre os chats privados e as produções características do português brasileiro falado, com alto índice de anáfora zero e poucas ocorrências de clítico acusativo, além de todos os grupos de fatores controlados terem sido selecionados na análise estatística como relevantes na expressão da anáfora zero. Em relação às cartas pessoais, estas se distanciam da fala prototípica por apresentarem percentual significativo de clítico e apenas o traço [– animado] ter se mostrado fortemente correlacionado à expressão da anáfora zero. No entanto, esta variante mostra-se aquela com mais alto percentual de uso nas cartas investigadas, o que as aproxima do português falado, ainda que em menor grau. Apresentam-se, portanto, evidências sintáticas para a caracterização de gêneros discursivos da escrita informal – sobretudo dos chats, gênero discursivo digital – na sua relação com produções típicas da fala.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista Laboviana; Objeto direto de 3ª pessoa; Chats privados; Cartas pessoais.

ABSTRACT

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. **From letters to chats:** variation of third-person direct object, and the informal writing on paper and on the Web. Masters dissertation. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2021.

This work compares private chats and personal letters based on the analysis of the variation of third-person direct object. These genres are characteristic of informal writing, and present certain properties that resemble them to spontaneous conversation – albeit to different levels. Despite the similarities, striking differences between them are noted, such as the media in which they take place and the (a)synchronism with which they manifest themselves: the chats, carried out on a digital platform in a mostly synchronous way; and letters, written on paper, of an asynchronous nature. Furthermore, similarly to Marcuschi (2008), we understand that genres are distributed in a speech-writing *continuum*, according to the properties that constitute them. Thus, we observe third-person direct object data in private chats carried out through the Messenger platform in 2012 and in personal letters written between 1979 and 1984. We therefore establish a comparison between these two samples and the Brazilian speech from corresponding periods (PINHEIRO, 2016; DUARTE; FREIRE, 2014), starting from the variable expression of the third-person direct object in anaphoric reference – a phenomenon that, in Brazilian Portuguese, presents itself differently in texts of oral modality, with predominance of zero anaphora and little use of the accusative clitic; and in written texts, especially when produced with greater monitoring, in which efforts are noted to rescue the use of the clitic. We start, then, from a Labovian variationist perspective (LABOV, 2008 [1972]), to which we combine functionalist principles and genre analysis. Thus, we control three variables already verified in speech samples as influencing the expression of zero anaphora: the referent's animacy, the referential distance, and the syntactic function of the antecedent. Our results point to a greater approximation between private chats and the characteristic productions of spoken Brazilian Portuguese, with a high index of zero anaphora and few occurrences of accusative clitic. Moreover, all groups of controlled factors were selected in the statistical analysis as relevant in the expression of zero anaphora in private chats. In relation to personal letters, they distance themselves from prototypical speech because they present significant percentage of clitic and only the [– animate] feature showed to be strongly influential in the expression of zero anaphora. However, this variant is the one with the highest percentage of use in the investigated letters, which brings them closer to spoken Portuguese, though in lower degree. Therefore, syntactic evidence is presented for the characterization of discursive genres of informal writing – especially chats – in their relationship with typical speech productions.

Keywords: Labovian Variationist Sociolinguistics; Third person direct object; Private chats; Personal letters.

LISTA DE IMAGENS, GRÁFICOS E TABELAS

Imagens

Imagem 1 – Representação das mesclagens dos gêneros na relação fala-escrita, a partir das condições de produção e recepção (MARCUSCHI, 2008, p. 192) 15

Imagem 2 – Recorte da página inicial do Messenger 28

Imagem 3 – Recorte de uma interação diádica pelo Messenger 29

Gráficos

Gráfico 1 – A expressão do OD de 3ª pessoa entre jovens universitários em *chats do Messenger*, em *chats do WhatsApp* e a sua expressão na fala de jovens cariocas em situação de vulnerabilidade social (%) 48

Gráfico 2 – A expressão do OD de 3ª pessoa em *cartas pessoais* escritas por cariocas universitários, na escrita jornalística carioca e na fala de indivíduos cariocas cultos (%) 49

Tabelas

Tabela 1 – Distribuição geral das variantes do OD de 3ª pessoa em *chats privados* 46

Tabela 2 – Distribuição geral das variantes do OD de 3ª pessoa em *cartas pessoais* 48

Tabela 3 – Influência da variável *animacidade* sobre a expressão da anáfora zero em *chats privados* 51

Tabela 4 – Influência da variável *animacidade* sobre a expressão da anáfora zero em *cartas pessoais* 52

Tabela 5 – Influência da variável *distância referencial* sobre a expressão da anáfora zero em *chats privados* 57

Tabela 6 – Influência da variável *distância referencial* sobre a expressão da anáfora zero em *chats privados* após amálgamas dos fatores de distância 58

Tabela 7 – Influência da variável *distância referencial* sobre a expressão da anáfora zero em *cartas pessoais* 60

Tabela 8 – Influência da variável *distância referencial* sobre a expressão da anáfora zero em *cartas pessoais* após amálgama dos fatores de distância e das variantes anáfora zero e clítico acusativo 60

Tabela 9 – Influência da variável *função sintática do antecedente* sobre a expressão da anáfora zero em *chats privados* 62

Tabela 10 – Influência da variável *função sintática do antecedente* sobre a expressão da anáfora zero em *cartas pessoais* 63

SUMÁRIO

1. Introdução **1**

2. Fundamentação teórica **5**
2.1. Sociolinguística Variacionista 5
2.2. Funcionalismo 8
2.3. Análise de textos e gêneros do discurso 12
2.4. Comunicação em ambiente digital 17

3. Objetos de estudo e suas correlações **23**
3.1. Objeto direto de 3ª pessoa 23
3.2. Gêneros discursivos 28
3.2.1. Conversas pelo Messenger: chats ou mensagens instantâneas? 28
3.2.2. Cartas pessoais 32
3.3. Relações entre objetos diretos, chats e cartas pessoais 36

4. *Corpora* e metodologia **40**

5. Análise dos dados **45**
5.1. Distribuição geral das variantes 45
5.2. Animacidade 50
5.3. Distância referencial 52
5.4. Função sintática do antecedente 61
5.5. Discussão 63

6. Considerações finais **66**

Referências **69**

1. INTRODUÇÃO

Já há décadas, a Sociolinguística Variacionista, conforme afirmado por Paredes Silva (1997), tem demonstrado interesse nos gêneros discursivos. Voltados à língua tal qual efetivamente usada por indivíduos reais, trabalhos variacionistas progressivamente passaram a incorporar gêneros discursivos nas suas explicações para os fenômenos variáveis investigados, correspondentes aos contextos de realização das interações. Afinal, como argumenta Bakhtin (2003 [1979]), sempre interagimos por meio de gêneros. Assim, no que se refere ao português brasileiro (PB), encontram-se hoje já desenvolvidas, entre outras, investigações sobre entrevistas sociolinguísticas orais (OMENA, 1978; DUARTE, 1986; PAREDES SILVA, 2003; GOMES, 2003), cartas pessoais (PAREDES SILVA, 1988), redações escolares (AVERBUG, 2000) e, no âmbito jornalístico, gêneros como crônicas e artigos de opinião (PAREDES SILVA, 2012; DUARTE; FREIRE, 2014). Estão, pois, contemplados gêneros característicos da fala e da escrita.

Contudo, de algumas décadas para cá, temos visto emergir e se infiltrar nas mais diversas situações comunicativas do cotidiano o ambiente digital. Trata-se de um ambiente de interações humanas que, segundo Crystal (2005), desafia as noções convencionais de fala e escrita. Além disso, a comunicação mediada por computador (CMC) torna ainda mais evidente a proposta de Marcuschi (2008): não devemos observar os gêneros como integrantes das modalidades oral e escrita em termos estritamente dicotômicos, pois todos estão organizados em um contínuo de relações entre fala e escrita, a partir das propriedades pelas quais se constituem. Apesar da emergência e da urgência dos textos produzidos pelo meio digital, notam-se ainda hoje poucas investigações variacionistas dedicadas a compreender o funcionamento desses textos e a compará-los com produções tipicamente associadas às modalidades falada ou escrita. É neste contexto que se insere a nossa pesquisa.

Neste trabalho, temos por objetivo comparar dois gêneros discursivos distintos, mas, a nosso ver, correlacionáveis: chats privados e cartas pessoais. Tanto os chats, quanto as cartas são gêneros representativos da escrita informal e, por se realizarem em situações de menor formalidade, tendem a propiciar um uso distenso da língua (e.g., PAREDES SILVA, 1988; ARAÚJO, 2010). Pautados pelo contínuo de propriedades entre fala e escrita proposto por Marcuschi (2008), defendemos que os chats privados e as cartas pessoais, ainda que em graus diferentes, apresentam semelhanças com a conversação espontânea, gênero característico da modalidade oral.

Apesar das semelhanças existentes entre chats e cartas, devemos reconhecer algumas diferenças. Tais gêneros distinguem-se, por exemplo, pelos suportes nos quais se manifestam: os chats, em dispositivos e plataformas digitais; as cartas, no papel.[1] Distinguem-se também pelo parâmetro do sincronismo na interação: enquanto os chats são majoritariamente síncronos – de modo análogo às conversas espontâneas –, as cartas são assíncronas por natureza. Portanto, ainda que ambos os gêneros discursivos apresentem semelhanças com produções típicas da modalidade oral, entendemos que isso ocorre em níveis distintos. Em relação aos usos linguísticos que compõem esses textos, parece-nos que os chats, sobretudo pelo seu caráter síncrono, se aproximam mais da fala do que as cartas pessoais.

Assim, compararemos os chats privados e as cartas pessoais, em termos da sua maior ou menor proximidade com produções típicas da fala, a partir da análise de um fenômeno variável que, no PB, se mostra sensível à distinção entre as modalidades falada e escrita: a variação do objeto direto (OD) de 3ª pessoa em referência anafórica (e.g., DUARTE, 2015; DUARTE; RAMOS, 2015). Na nossa língua, a realização do OD de 3ª pessoa como anáfora zero (também denominada objeto nulo) tende a predominar em textos característicos da oralidade; ao contrário, a estrutura chamada clítico acusativo nota-se escassa na fala, mas expoente em produções típicas da escrita – especialmente em contextos de maior grau de monitoramento e de formalidade –, resgatada sobretudo por influência do processo de escolarização. Portanto, a análise da variação do OD de 3ª pessoa nos permitirá verificar se é verdadeira – e, se sim, em que medida – a maior aproximação entre chats e a fala, em contraste com as cartas pessoais.

Analisaremos, portanto, duas amostras representativas de períodos distintos: de um lado, cartas pessoais escritas por jovens cariocas universitários entre 1979 e 1984, quando a internet ainda não estava popularizada (PAREDES SILVA, 1988); e, de outro lado, chats privados realizados na plataforma Messenger por jovens cariocas em 2012, já inseridos em um mundo digitalmente conectado (PIMIENTA, 2013). Voltamo-nos, pois, à evolução da escrita informal: do papel para a *Web*. Dessa maneira, se encontrarmos predominância de anáfora zero nos chats e nas cartas – variante exemplificada em (1) e (2) –, pode-se evidenciar maior proximidade desses gêneros com a modalidade oral do PB. Por outro lado, índices mais expressivos do clítico

[1] Com base em Marcuschi (2008), o conceito de *suporte* será definido na seção 2.3 desta Dissertação (p. 16).

acusativo – estrutura ilustrada em (3) e (4) – tendem a aproximar tais gêneros discursivos de textos da escrita convencional.[2]

(1) *Participante 'D'*
Vc recebeu meu sms falando do CCBB?
Participante 'I'
recebi ___ sim ^^ (Chat privado)

(2) *Missivista 'NA'*
[...] E as matérias que eu queria tinham fortes pré-requisitos. Mas eu assumi ___ e disse que fazia ___ assim mesmo. (Carta pessoal)

(3) *Participante 'C'*
[o curta] Fala sobre o uso da voz...na carreira do professor
Os problemas... como isso influência na vida pessoal e profissional.
Contrastando com a forma mais correta de usá-**la** em tais situações. (Chat privado)

(4) *Missivista NA*
Muitos dos cursos que eu queria fazer não estão sendo oferecidos este semestre. Eu acho que vou ficar até maio mesmo pode parar de se preocupar. Mas vou esperar pra saber se poderei fazê-**los** mesmo. (Carta pessoal)

Entretanto, entendemos que a variação linguística não ocorre de maneira aleatória, por estar correlacionada tanto a fatores internos ao sistema linguístico, quanto a fatores associados ao contexto discursivo no qual a língua e, evidentemente, os seus usuários se situam. Assim, investigaremos a variação do OD de 3ª pessoa a partir da influência de três grupos de fatores já verificados na literatura científica como favorecedores da anáfora zero, variante predominante na fala brasileira: a animacidade do referente, a distância referencial e a função sintática do antecedente.

Esta dissertação está, pois, organizada da seguinte maneira. No capítulo 2, apresentamos a fundamentação teórica que orienta este trabalho. A Sociolinguística Variacionista Laboviana norteia a nossa análise sobre formas linguísticas variantes, inseridas em um determinado contexto de uso da língua. Entendemos ainda que aspectos relativos à situação comunicativa sejam essenciais para compreendermos a organização estrutural do código linguístico, o que nos leva à Linguística Funcional, à Análise de Gêneros Discursivos e, associados a esta,

[2] Nos exemplos relativos à variação do OD de 3ª pessoa, estão em negrito as ocorrências efetivamente analisadas; sublinhados estão os antecedentes de cada referente em questão, posteriormente retomados pelos dados em negrito. Os casos de anáfora zero serão indicados por uma linha em branco (___).

aspectos relativos à comunicação em ambiente digital. No capítulo 3, contextualizamos o nosso olhar para a variação do objeto direto de 3ª pessoa – visto que este fenômeno variável representa o ponto de referência para a comparação verificada nesta pesquisa – e caracterizamos os chats privados e as cartas pessoais, gêneros discursivos aqui observados. Desse modo, ao fim do terceiro capítulo relacionamos a variação do objeto direto à descrição dos gêneros discursivos apresentados. O capítulo 4 se dedica ao detalhamento dos *corpora* investigados e da metodologia utilizada por nós. No capítulo 5, analisamos os dados de objeto direto de 3ª pessoa coletados, a fim de propriamente relacionarmos os chats e as cartas com o português falado no Brasil. A isto, seguem as considerações finais no capítulo 6 e, por fim, as referências, ao que se encerra este trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antunes (2014) defende que não existe gramática fora do uso da língua, pois é apenas na interação que os nossos usos linguísticos ganham vida. Além disso, declara que "[a] concepção (ou a teoria) que se tem acerca do que seja a linguagem, do que seja a língua, do que seja a gramática é o ponto de partida para todas as apreciações que fazemos, mesmo aquelas mais intuitivas, mais descompromissadas e corriqueiras" (ANTUNES, 2014, p. 15).

Abaixo apresentamos as teorias de análise linguística que orientam esta investigação. Na seção 2.1, tratamos da Sociolinguística Variacionista. Em seguida, na seção 2.2, apresentamos princípios do Funcionalismo que norteiam o nosso olhar para o uso da língua. A análise de textos e de gêneros do discurso é o foco da seção 2.3, à qual se segue uma contextualização acerca da comunicação em ambiente digital, na seção 2.4.

2.1. Sociolinguística Variacionista

Este trabalho parte do princípio de que a estrutura linguística não é essencialmente homogênea. Logo, interessa-nos justamente aquilo que há de sistematicamente variável no português brasileiro, pois é essa heterogeneidade estrutural que nos permitirá compreender a composição formal e o funcionamento de diferentes situações comunicativas.

No seu trabalho de 1968, intitulado *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) reconhecem ser ilusória a associação entre estrutura linguística e homogeneidade estrutural. Afirmam, pois, que a estrutura das línguas inclui a variação ordenada, i.e., a existência de diferentes formas que podem alternar entre si, de acordo com determinados fatores condicionantes tanto internos ao sistema linguístico, quanto externos a ele e, assim, mais vinculados a aspectos socioculturais. Reconhecem também que o fato de as línguas passarem por mudanças implica que nelas haja variabilidade estrutural. Em outras palavras, a mudança linguística requer a existência de variação – ainda que nem todo caso de variação efetivamente leve a mudança.

Portanto, o estudo das línguas deve se pautar pela análise da sua heterogeneidade estrutural, de tal modo que se observem fatores linguísticos, relativos à materialidade linguística em si, e fatores sociais, visto que as línguas se manifestam em sociedade, conforme os propósitos comunicativos dos indivíduos e as relações sociais nas quais se inscrevem. A esses fatores linguísticos e sociais que se correlacionam ao uso de uma ou outra estrutura linguística,

denomina-se *variáveis independentes*. Já as diferentes estruturas que, por serem equivalentes, podem alternar entre si são chamadas *variáveis dependentes* ou *variantes*. Aponta-se, no entanto, que a equivalência entre formas linguísticas alternantes baseia-se apenas na função referencial da linguagem (cf. BORTONI-RICARDO, 2017, p. 67): são diferentes maneiras de se referir a um mesmo fato ou informação. Esses princípios, posteriormente ampliados e novamente sistematizados por Labov (2008 [1972]) no seu livro *Padrões sociolinguísticos*, compõem a Teoria da Variação e Mudança Linguística e representam a vertente de análise conhecida como Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Laboviana.

Segundo Mollica (2013, p. 9), a Sociolinguística Variacionista destaca-se como uma ciência "presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo". Além disso, a autora afirma que a variação, enquanto princípio geral e universal das línguas naturais, pode ser descrita e analisada cientificamente, a partir da observação de fatores estruturais e sociais e da *correlação* estatística entre tais fatores na análise das alternâncias sistemáticas. Por essa razão, a Sociolinguística Variacionista também pode ser denominada correlacional (cf. BORTONI-RICARDO, 2017, p. 53).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2017), duas premissas advindas da Linguística Estruturalista do século XX serviram de base para o desenvolvimento da Sociolinguística Variacionista: a heterogeneidade linguística, sistematicamente realizada e observada, e inerente a todas as línguas, tal qual comentado acima; e o relativismo cultural. Este, segundo Bortoni-Ricardo (*op. cit.*), refere-se a um princípio analítico adotado pelas Ciências Sociais (entre as quais se inclui a Linguística) segundo o qual não há nas sociedades culturas superiores ou inferiores a outras. Portanto, sob um olhar científico, todas as culturas – e, consequentemente, todas as línguas e variedades linguísticas – devem ser descritas e observadas a partir das suas manifestações reais, sem julgamentos de valor por parte de quem as investiga. É pela análise da língua em uso, conforme expressa em situações comunicativas reais, que conseguimos, então, depreender o funcionamento de um determinado sistema linguístico dentro de uma comunidade, situada em um tempo específico, a partir do reconhecimento das diferentes pressões sociais que mobilizam tal cultura.

Assim, a fim de estabelecer uma abordagem sistemática para a análise variacionista, Labov (2008 [1972]) apresenta cinco axiomas metodológicos, que serão brevemente apresentados a seguir. O primeiro deles refere-se à *alternância de estilo*. Para Labov, não existe indivíduo que se valha apenas de um único estilo para se comunicar. Ainda que variem de um

estilo para outro em graus distintos, todas as pessoas, nas suas interações, exibem alternância estilística. O segundo axioma apresentado pelo pesquisador associa-se à *atenção*. Trata-se, na verdade, do grau de atenção prestada à produção linguística. Diferentes graus de atenção levam a diferentes manifestações estilísticas. O *vernáculo*, por sua vez, corresponde ao terceiro axioma laboviano. Segundo Labov (2008 [1972], p. 244), o vernáculo é "o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala". Por essa razão, também nas palavras do pesquisador, "[a] observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística" (*op. cit.*, p. 244). Isso nos leva ao quarto e ao quinto axiomas metodológicos para uma investigação variacionista: trata-se da *formalidade* e da obtenção de *bons dados*. Pautado por estes axiomas e pelos aparatos de investigação disponíveis até o momento, Labov reconhece nas entrevistas sociolinguísticas o principal instrumento para se obterem dados orais adequados ao tratamento analítico previsto pela metodologia variacionista. No entanto, nos termos do autor, "[*q*]*ualquer observação sistemática de um falante define um contexto formal em que ele confere à fala mais do que o mínimo de atenção*" (LABOV, 2008 [1972], p. 244; grifos no original).

Compreende-se, pois, o paradoxo do observador: visando ao vernáculo, a Sociolinguística Variacionista busca encontrar dados que sejam produzidos com o menor grau de monitoramento à produção linguística; porém, a observação sistemática por meio de entrevistas ou questionários gera uma situação de maior formalidade e, portanto, de maior monitoramento. Labov reconhece que este não é um problema insolúvel: ou se encontram outras maneiras de depreender dados que possam ser acrescentados àqueles coletados nas entrevistas; ou se reorganizam as entrevistas de tal modo que seja possível romper os constrangimentos da situação comunicativa, com vistas à manifestação do vernáculo.

Na pesquisa empreendida por nós, julgamos que este não será propriamente um problema. Quando da análise dos chats e das cartas pessoais, os textos estudados já estavam produzidos e já haviam cumprido a sua função comunicativa original. Assim, não é possível que a situação investigativa exerça pressões de formalidade sobre a estrutura destes textos. Além disso, tanto os chats, quanto as cartas, no momento da sua elaboração, foram direcionados a pessoas específicas, conhecidas pelos produtores dos textos – o que nos leva a considerar que tais textos tendem a corresponder a um estilo menos monitorado de uso linguístico, reservadas as particularidades de cada gênero (v. seção 3.3.).

Desse modo, resta-nos ainda uma dificuldade analítica a considerar. De acordo com Labov (2008 [1972]), ao coletarmos as ocorrências para a investigação, deparamo-nos com o

fato de que podem ser raras, na língua em uso, as formas gramaticais necessárias para compormos a amostra de dados. Bentivoglio (1987, p. 8) também se demonstra atenta a este problema e o sintetiza desta maneira: "um corpus que proporciona evidências mais que suficientes para provar uma hipótese fonológica [...] não as oferece em número suficiente para sustentar sequer uma hipótese de tipo sintático". Questiona, portanto, se a abordagem variacionista poderia ser aplicada adequadamente a investigações voltadas para fenômenos da sintaxe. A resposta de Bentivoglio para essa questão é positiva. A pesquisadora assume, portanto, a posição de que, se os *corpora* forem recolhidos segundo parâmetros apropriados para a metodologia sociolinguística, e se as amostras de dados forem legítimas de uma comunidade linguística, então não há razão para se desconsiderarem os dados coletados. Entretanto, Bentivoglio julga prudente que se adote uma postura investigativa eclética: segundo a sua proposta, nossas análises sintáticas se beneficiariam tanto dos princípios da Sociolinguística Variacionista, quanto das contribuições de correntes funcionalistas-comunicativas. A pesquisadora destaca que a observação das estruturas sintáticas só pode ser feita dentro do contexto discursivo em que ocorrem. Além disso, considera que

> numa dada língua existem múltiplos mecanismos sintáticos dos quais o falante seleciona os que melhor convenham, em cada situação de fala, aos seus propósitos comunicativos (que são, em última instância, aqueles que se fazem entender o mais claramente possível pelo ouvinte) (BENTIVOGLIO, 1987, p. 15).

Conectam-se, pois, a Sociolinguística Variacionista e a perspectiva funcionalista para a análise das línguas. Na próxima seção, discutiremos sobre o Funcionalismo, cujos princípios também norteiam este trabalho.

2.2. Funcionalismo

O termo *Funcionalismo*, como demonstra Butler (2003), compreende um espectro de diferentes abordagens funcionalistas.[3] Tais abordagens apresentam visões particulares quanto a alguns fatores, entre os quais se encontram, e.g.: a centralidade da semântica e da pragmática na produção linguística; o papel (ou a existência) da competência comunicativa; a preocupação

[3] Algo semelhante também ocorre para o termo *Sociolinguística*. Neste sentido, recomendamos a leitura do *Manual de sociolinguística*, de Stella Maris Bortoni-Ricardo (2017), e da apresentação ao *Dicionário crítico de sociolinguística*, de Marcos Bagno (2017). Aqui, porém, nos deteremos especificamente à Sociolinguística Variacionista, conforme apresentada na seção 2.1. deste capítulo.

de se estabelecer uma adequação tipológica para a análise linguística; e a relevância da dimensão cognitiva no uso da língua. Contudo, segundo Butler (*op. cit.*), toda abordagem funcionalista parte do princípio de que a língua é sobretudo um instrumento para a comunicação entre indivíduos, e esse fato, na perspectiva funcionalista, é essencial para que se explique por que as línguas são tal como são. Assume-se, portanto, a existência de complexas relações entre a estrutura linguística e fatores semânticos, discursivos e pragmáticos.

Dessa maneira, uma análise funcionalista centra-se na relação entre forma e função comunicativa, pois entende que a estrutura linguística está, em alguma medida, vinculada ao papel comunicativo a serviço do qual foi empregada. Assim, afasta-se das limitações ao objeto de estudo da Linguística impostas por uma perspectiva gerativista, que, ao contrário, tende a focar na estrutura linguística em si, a partir da gramática universal (GU), visando aos princípios, às regras e às condições subjacentes a toda e qualquer língua humana. Se, conforme defendido pelos modelos funcionalistas, a estrutura da língua deve ser essencialmente descrita de acordo com as funções que desempenha, não faz sentido descrevê-la a partir de uma suposta autonomia da sintaxe, morfologia ou fonologia. Nas palavras de Butler (2003, p. 21), "não seria útil meramente especificar o sistema, sem dizer por que tal sistema é como é".[4] Portanto, segundo afirma Neves (1994, p. 113), a perspectiva da gramática funcional entende que a descrição completa da estrutura da sentença "precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente". Como Neves também demonstra, a organização da gramática está, pois, integrada à organização da interação social.

A investigação aqui proposta pauta-se por princípios associados à vertente funcionalista conhecida como Linguística Funcional Norte-Americana – ou, nos termos de Butler (2003), Funcionalismo da Costa-Oeste –, representada por pesquisadores e pesquisadoras como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson e Wallace Chafe. Nas suas análises, dedicam-se a estudar a língua como instrumento de comunicação e a explicar a estrutura linguística a partir das suas funções comunicativas. Além disso, rejeitam a autonomia do sistema linguístico, ao passo que defendem a existência de motivações funcionais em competição para o emprego de determinada forma em detrimento de outras.

Essencial para o trabalho empreendido por nós é o princípio funcionalista da iconicidade, conforme postulado por Givón (1991). A iconicidade refere-se ao fato de que a

[4] "[...] it would be of no use merely to specify the system, without saying why that system is as it is." (Tradução nossa.)

sintaxe das línguas humanas não é arbitrária, mas icônica, i.e., em algum nível isomórfica ao *designatum* mental ao qual a forma linguística corresponde, visto que a estrutura se faz presente no uso a fim de comunicar determinada função projetada cognitivamente. Dessa maneira, ao princípio da iconicidade correspondem três subprincípios: da quantidade, da proximidade (ou integração) e da ordem sequencial. O subprincípio da quantidade prevê que informações maiores, mais importantes ou mais imprevisíveis tendem a ser expressas por uma maior codificação na estrutura da língua. Já o subprincípio da proximidade antecipa que conceitos mais integrados cognitivamente se expressam sintaticamente com maior integração, mais próximos entre si. Por fim, o subprincípio da ordenação linear indica que informações mais importantes tendem a aparecer antes das demais na estrutura linguística e que, de modo geral, a ordem de apresentação das informações nas sentenças espelha a ordenação cronológica dos fatos. Destes, o subprincípio da quantidade receberá maior atenção nesta investigação, dado o fenômeno sintático analisado por nós, visto que buscaremos verificar a relação entre a predizibilidade do referente e a sua expressão na função de objeto direto.[5]

Em trabalho de 1983, Givón discute a relação entre a continuidade ou predizibilidade de um tópico no discurso e a sua expressão no uso da língua. Para o pesquisador, uma informação que se mantenha no discurso ou nele se faça previsível tende a ser mais facilmente processada, visto que está psicologicamente mais acessível e recuperável. Uma das dimensões pelas quais se pode analisar o estatuto cognitivo de uma informação, de acordo com Givón (1983, p. 56), é a distância entre a oração que se está analisando e a última oração na qual se fez referência à mesma entidade. Assim, quanto menor a distância entre as menções a uma mesma informação, mais previsível tal informação será e, assim, menos codificação linguística ela tende a receber. Desse modo, segundo Givón (*op. cit.*), a anáfora zero, i.e., a não materialização sintático-fonológica de um elemento já mencionado representa o grau mais alto na escala de continuidade tópica: quanto mais previsível a informação, maior é a tendência de que ela, ao ser recuperada no discurso, não seja explicitada.

Chafe (1994), por sua vez, trata do que denomina *estados de ativação* das informações. Distingue, portanto, entre informações já ativadas, semiativas e inativas, cuja manifestação discursiva pelo falante se baseia no que este pressupõe estar ou não (in)ativo na consciência de seu interlocutor. Assim, Chafe (*op. cit.*) considera que informações já ativadas demandam menor esforço cognitivo, ao contrário de informações inativas, mais custosas do ponto de vista do processamento cognitivo. Afirma ainda que, de modo geral, informações inativas e

[5] Cf. seção 3.1.

semiativas (‘acessíveis’) são expressas por sintagmas nominais plenos, enquanto informações já ativadas tendem a ser expressas de modo mais ‘atenuado’, muitas vezes por um pronome átono ou até mesmo pela ausência de representação explícita. A proposta de Chafe corrobora, portanto, o subprincípio da quantidade, conforme postulado por Givón, ao indicar que informações já ativadas (i.e., mais previsíveis e, assim, mais facilmente processadas) tendem a ser expressas com menos material linguístico.

Perceba-se, porém, que estão associadas neste estudo duas vertentes de análise linguística: a Sociolinguística Variacionista e a Linguística Funcional Norte-Americana. Tal associação se faz possível, visto que ambas as abordagens de análise, conforme observam Cezario, Marques e Abraçado (2016), partem da língua em uso, reconhecem a importância do contexto discursivo para a produção linguística e, assim, levam em consideração os participantes, o objetivo da interação, além de outros fatores sociais, cognitivos e comunicativos. A esta perspectiva de investigação, denomina-se Sociofuncionalismo.

Os trabalhos de Paredes Silva (e.g., 1988; 2003) sobre a expressão variável do sujeito pronominal no português brasileiro são exemplos de investigações sociofuncionalistas, visto que conciliam princípios da Linguística Funcional ao tratamento variacionista laboviano. Para a pesquisadora, a alternância entre presença e ausência do pronome sujeito depende de motivações externas ao sistema linguístico, que, por sua vez, seria “um mecanismo adaptativo, e não imune a questões como interação e comunicação” (PAREDES SILVA, 2003, p. 92). As análises de Paredes Silva pautam-se, entre outros, por princípios postulados por Givón, análogos aos já discutidos aqui, e pelo conceito de *conexão discursiva*, que, em linhas gerais, estabelece, na língua em uso, uma escala de conexão para aferir a ocorrência de determinado referente no discurso, tendo em vista a sua menção anterior. Paredes Silva (*op. cit.*, p. 92) considera, então, que, “quanto mais predizível o referente de um sujeito, menor a necessidade de explicitá-lo”. Tal predizibilidade se associa ao fato de o referente estar no foco de consciência do interlocutor. Neste trabalho, mais à frente, buscaremos aplicar esse mesmo raciocínio à variação do objeto direto de 3ª pessoa.

De acordo com os princípios funcionalistas, conforme apresentados nesta seção, recebem particular destaque na análise linguística a interação e a situação comunicativa. Afinal, estamos voltados à língua em uso, e a produção linguística sempre se insere em um determinado contexto discursivo – do que se conclui que as estruturas linguísticas, tal qual apontado por Antunes (2014, p. 25), só se materializam “no cruzamento de todas as nossas ações verbais”.

Assim, a próxima seção deste capítulo dedica-se à sistematização de outro conceito considerado relevante para o nosso estudo: os gêneros discursivos.

2.3. Análise de textos e gêneros do discurso

Bakhtin (2003 [1979]), no livro *Estética da criação verbal*, propõe que o principal objeto de análise linguística deva corresponder aos *enunciados*: as unidades concretas e únicas, orais ou escritas, por meio das quais nos comunicamos. Os enunciados, ao serem realizados e articulados, se manifestam em torno de determinados *conteúdos temáticos*, valendo-se de certos *estilos* de linguagem, a partir de escolhas lexicais, de estrutura frasal e registro, e, juntos, geram *construções composicionais* específicas: o todo do texto com o qual interagimos. Para Bakhtin, esses três elementos – conteúdo temático, estilo e construção composicional – são determinados pelas esferas de atividade e comunicação humana, i.e., pelos domínios discursivos nos quais se inscrevem. Assim, cada domínio discursivo "elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*" (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 262; grifos no original).

A perspectiva bakhtiniana distingue-se daquela proposta por Saussure (2012 [1970]), para quem a análise linguística deveria se centrar na homogeneidade do sistema da língua, compartilhado por todos os usuários, correspondente ao que denomina *langue* ('língua'). A esta, opõe-se a *parole* ('fala'), que, de acordo com a perspectiva saussureana, seria assistemática e apresentaria particularidades individuais. Contudo, segundo Bakhtin, investigar materiais linguísticos corresponde a investigar enunciados concretos. Portanto, é dos enunciados que se depreendem os dados linguísticos a serem descritos. Além disso, nunca nos deparamos com enunciados soltos, pois eles sempre se realizam em algum gênero do discurso. Desse modo, para Bakhtin (2003 [1979], p. 283),

> [a]s formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas).

Assim, Bakhtin considera que mesmo a observação de aspectos vinculados aos *estilos* dos enunciados deve considerar toda a cadeia discursiva que tais enunciados integram. Afinal,

os recursos lexicais, morfológicos e sintáticos só ganham expressividade e funcionalidade reais nos enunciados concretos, por sua vez realizados em gêneros discursivos. Logo, a seleção de uma estrutura linguística em detrimento de outra(s) é motivada pelos papeis comunicativos dos interlocutores, pelo *status* de cada um na interação, pelos conhecimentos que compartilham, pela natureza da própria situação comunicativa e pelos gêneros do discurso – além de outros fatores ligados ao contexto discursivo.

Em visão similar, Marcuschi (2008) propõe que o interesse analítico se desloque do código linguístico em si para o *funcionamento da língua*, i.e., para as diferentes maneiras pelas quais as formas linguísticas se manifestam nas práticas sociointerativas cotidianas. Desse modo, considera tanto as estruturas da língua, quanto os efeitos de sentido que elas produzem nos contextos discursivos em que se expressam. O pesquisador reconhece ainda que essa perspectiva não exclui os elementos formais integrantes dos textos, tampouco nega a existência da variação linguística. "Apenas frisa-se", nas suas palavras, "que as formas não são tudo no estudo da língua e que as formas só fazem sentido quando situadas em contextos sociointerativamente relevantes" (MARCUSCHI, 2008, p. 62).

Em artigo publicado em 1997, Paredes Silva reconhece que as análises linguísticas de então vinham incorporando às suas discussões, havia já algum tempo, os gêneros do discurso. A pesquisadora atribui essa tendência ao fato de que a Linguística havia ampliado

> seu escopo de investigação para abranger mais do que a construção formal e descontextualizada de sentenças: os princípios organizadores do discurso, seus aspectos interacionais, o contexto em que se atualiza, as condições sob as quais opera – tudo aquilo, enfim, que se pode abrigar sob o rótulo tão amplo quanto vago de análise do discurso (PAREDES SILVA, 1997, pp. 79-80).

Neste mesmo trabalho, Paredes Silva demonstra que tanto a abordagem funcionalista, quanto a abordagem variacionista estavam, já àquela época, abrindo espaço para os gêneros discursivos. No que se refere ao Funcionalismo, percebe-se que esta vertente analítica vincula a estrutura linguística ao contexto no qual se realiza e, portanto, aos seus participantes, à situação social específica, ao contexto cultural e a outros fatores – todos os quais nos levam aos gêneros discursivos. Quanto à Sociolinguística Variacionista Laboviana – que, segundo Paredes Silva (*op. cit.*), teve diversas análises feitas a partir de narrativas de experiência pessoal –, esta abordagem viu ampliar a sua aplicação a outros gêneros do discurso. Para a autora, isso decorreu de a análise variacionista ter se voltado a produções compostas por outros tipos

textuais além do narrativo, mas também de os gêneros passarem a ser considerados variáveis correlacionadas à expressão de determinados fenômenos.[6]

Em investigação mais recente, Paredes Silva (2012) correlaciona a análise de gêneros discursivos e a abordagem variacionista, pois visa a comparar alguns gêneros jornalísticos a partir de diferentes estratégias de referenciação empregadas neles, analisando-as por um tratamento quantitativo oriundo da Sociolinguística Laboviana. Considera, assim, que os gêneros do discurso são "traços do contexto", i.e., variáveis independentes. Nesse sentido, observa, por exemplo, que as crônicas jornalísticas se centram, em geral, em personagens humanos, muitas vezes conhecidos do público leitor, e essa sua característica favoreceria o emprego de pronomes e da anáfora zero como estratégias para sua retomada no discurso.

Tais estratégias de referenciação estudadas por Paredes Silva compõem, junto a outras, a *coesão* de um texto e fazem a sua "costura". Assim, nos termos de Halliday e Hasan (1976), contribuem para dar-lhe *textura*: o texto, que é essencialmente uma unidade semântica, se realiza por diferentes sentenças (unidades formais), a fim de que possa efetivamente funcionar e ser reconhecido como um texto, um todo de significado. De acordo com Halliday e Hasan (*op. cit.*), a coesão, tal qual o texto, é um conceito *semântico*, pois se refere às relações de significado existentes dentro do texto e que, desse modo, o definem como tal. Relações coesivas ocorrem, portanto, se a interpretação de um elemento no discurso depender da interpretação de outro, de tal modo que o pressuponha. Além disso, a relação semântica de coesão se realiza pelo sistema lexicogramatical, por meio de variadas estratégias como a substituição, a repetição e a elipse, i.e., a omissão de um termo cuja interpretação está pressuposta. São, pois, tipos distintos de relações coesivas.

Outro aspecto relevante para a descrição das formas linguísticas usadas na composição textual é a modalidade pela qual se produz o texto. Marcuschi (2010; 2008), Paredes Silva (1997) e Herring e Androutsopoulos (2015) são alguns autores que explicitam essa questão e convidam-nos a olhar para as modalidades falada e escrita não como dicotômicas, mas em um

[6] Na verdade, no seu artigo de 1997, Paredes Silva não estabelece distinção entre os termos *gêneros do discurso* e *tipos textuais*. Essa diferenciação será feita posteriormente, e.g., no seu trabalho de 2012, no qual afirma "que há uma forte tendência a se adotar o termo *gênero* (de discurso ou textual) para a caracterização do discurso associado a uma situação comunicativa, enquanto os *tipos de texto* seriam analisáveis pelos seus aspectos formais" (PAREDES SILVA, 2012, p. 281; grifos no original). Tais caracterizações aproximam-se daquelas propostas por Marcuschi (2008, p. 158), segundo as quais, "para a noção de *tipo textual*, predomina a identificação de sequências linguísticas como norteadora; e para a noção de *gênero textual*, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção sócio-histórica" (grifos no original). No que se refere à distinção entre *gêneros discursivos/do discurso* e *gêneros textuais*, adotaremos aqui postura similar à de Paredes Silva (2012). Assim, como a autora, preferimos *gêneros discursivos/do discurso*, visto que, segundo a perspectiva bakhtiniana, estamos nos referindo às situações comunicativas como um todo, e não apenas aos textos que nelas se manifestam.

contínuo de propriedades. Investigar a língua a partir do seu real funcionamento, tal qual proposto por Marcuschi (2008, pp. 64-65), leva-nos a reconhecer "as relações entre oralidade e escrita como duas modalidades enunciativas complementares dentro de um contínuo de variações". Dessa maneira, devemos considerar, entre outros aspectos, a *concepção* de um texto, i.e., a modalidade em que ele foi originalmente expresso; e o *meio* pelo qual ele é recebido. A imagem 1 abaixo, reproduzida a partir de Marcuschi (2008, p. 192), ilustra essa proposta.

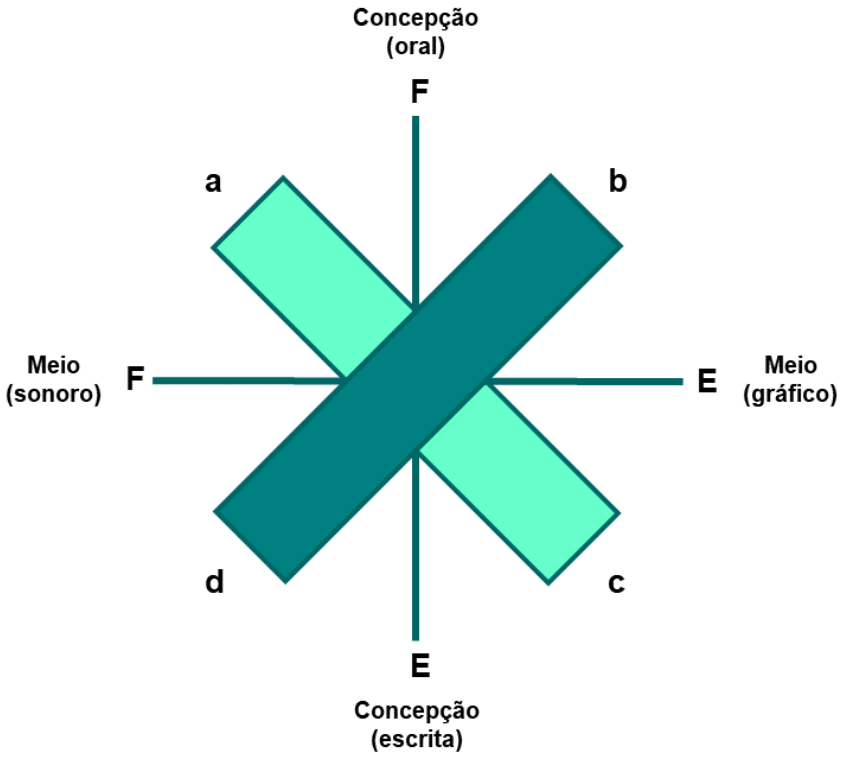

Imagem 1: Representação das mesclagens dos gêneros
na relação fala-escrita, a partir das condições de produção e recepção
Fonte: Marcuschi (2008, p. 192)

No quadrante (a), estão textos concebidos oralmente e recebidos por meio sonoro (auditivo), como a conversação espontânea. A contraparte deste quadrante é (c): textos concebidos pela escrita e recebidos por meio gráfico, tais quais artigos científicos. Já em (b), estão textos cuja concepção se deu oralmente, mas cuja recepção ocorre por meio gráfico, como entrevistas publicadas em revistas de variedades. Por fim, no quadrante (d), encontram-se textos concebidos pela escrita e recebidos por meio sonoro, exemplificados pelos noticiários de TV. Em outras palavras, o quadrante (a) representa o domínio do tipicamente falado quanto ao meio e à concepção; (c) corresponde ao tipicamente escrito; e (b) e (d) são domínios mistos, pois

mesclam as modalidades de expressão e de recepção. A imagem 1 traz apenas uma representação para o fato de que a fala e a escrita não devem ser tratadas dicotomicamente. Também podemos pensar na possibilidade de um texto ser concebido e recebido pela modalidade escrita, mas, mesmo assim, compartilhar características com textos típicos do domínio oral, devido à situação comunicativa na qual tal texto se insere. Trata-se, afinal, de um contínuo de relações, compreendido a partir das inúmeras propriedades que os textos apresentam e das condições pelas quais circulam.

Portanto, ainda que os textos tipicamente orais apresentem importantes diferenças em relação aos textos típicos da modalidade escrita, a observação dessas diferenças – que podem se apresentar em maior ou menor grau – deve considerar os componentes do contexto discursivo, entre os quais se inserem a relação entre os interlocutores, o grau de formalidade das interações, os gêneros discursivos pelos quais os eventos comunicativos se realizam (uns mais característicos da fala e outros, da escrita) e os suportes em que os gêneros se manifestam.

Marcuschi (2008, p. 174) define *suporte* como "*um* locus *físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto*" (grifos no original). É pelo suporte, portanto, que um texto se fixa, mostra e circula pelo mundo. Podemos, pois, pensar em suportes como o papel e o rádio, suportes convencionais, produzidos para funcionarem assim; ou nos muros de uma escola e nas janelas de ônibus, suportes incidentais, que podem servir para a fixação e circulação de textos, ainda que não tenham sido originalmente produzidos para essa finalidade. Entre a grande variedade de suportes encontrados, não podemos, contudo, deixar de mencionar suportes que, de algumas décadas para cá, têm ganhado relevância nas nossas interações. São suportes ligados ao ambiente digital: diferentes dispositivos eletrônicos, móveis ou não; aplicativos de diferentes naturezas, como as famosas redes sociais; entre outras plataformas tecnológicas que, com os rápidos avanços, vêm surgindo.

Como discute David Crystal (*apud* SHEPHERD; SALIÉS, 2013), neste cenário de inovações a ágeis passos, há pessoas que veem o uso da tecnologia com desconfiança, por acreditarem – muitas vezes, sem fundamentos empíricos – que o ambiente digital estimula a falta de leitura e um suposto empobrecimento da língua. No entanto, atualmente já há diversas pesquisas linguísticas que têm se debruçado sobre os textos produzidos e postos em circulação pela internet e, assim, têm buscado, a partir de evidências concretas, responder a perguntas como esta posta por Faraco e Zilles (2017, p. 73): "Que resultados decorrerão da abertura da

internet às mais diversas variedades da língua?". A seguir, apresentaremos, então, algumas reflexões sobre a comunicação em ambiente digital.

2.4. Comunicação em ambiente digital

Em texto de 2001, Herring define o discurso mediado por computador (DMC) como a "comunicação produzida quando seres humanos interagem entre si, ao transmitirem mensagens por meio de computadores conectados via rede" (HERRING, 2001, p. 612), e o considera uma especialização dentro do estudo interdisciplinar da comunicação mediada por computador (CMC).[7] Além disso, afirma que a maior parte da CMC em uso naquele momento baseava-se na troca de mensagens digitadas, i.e., escritas através do teclado de um computador e lidas como texto na tela de outro computador (*text-based CMC*).

Entretanto, Herring e Androutsopoulos (2015), em publicação mais recente, apontam que as tecnologias da CMC têm avançado – e assim continuam – muito rapidamente, de tal forma que novas pesquisas e, desse modo, novas descrições se fazem não apenas apropriadas, mas necessárias. Portanto, partem da definição para o DMC apresentada acima, mas caracterizam "computadores" – móveis ou conectados via rede – de maneira mais abrangente, "a fim de incluir qualquer dispositivo de comunicação digital" (HERRING; ANDROUTSOPOULOS, 2015, p. 127).[8] Além disso, reconhecem que originalmente a maior parte da CMC disponível era *text-based* (i.e., baseada na troca de mensagens digitadas), mas admitem que, progressivamente, novos canais de comunicação têm sido acrescentados à comunicação eletrônica, como imagens, áudio e vídeo. Conforme Rojo e Barbosa (2015, p. 108) assim os caracterizam, os textos da mídia digital são *multimodais* ou *multissemióticos*, pois recorrem "a mais de uma **modalidade** de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (**semiose**) em sua composição" (grifos no original). Imbricam-se, portanto, a língua oral e escrita, mídias sonoras, imagens estáticas e em movimento, entre outras semioses.

Crystal (2005) demostra que, apesar de compartilhar semelhanças com os discursos tradicionalmente reconhecidos como oral e escrito, a comunicação eletrônica – por ele denominada *netspeak* – se diferencia da fala e da escrita a partir de importantes aspectos. Em comparação com os textos típicos da fala, nota-se, por exemplo, a falta de retorno simultâneo

[7] "*Computer-mediated discourse* is the communication produced when human beings interact with one another by transmitting messages via networked computers." (Tradução nossa; grifos no original.)
[8] "*Computer-mediated discourse* (CMD) is the communication produced when human beings interact with one another by transmitting messages via networked or mobile computers, where 'computers' are defined broadly to include any digital communication device." (Tradução nossa; grifos no original.)

mesmo nas interações com maior grau de sincronismo. Crystal indica que na *Web* a tendência é as mensagens serem enviadas como blocos de texto já prontos, ao contrário do que se nota na comunicação oral face-a-face, em que o interlocutor recebe cada parte da mensagem no exato instante da sua produção. Além disso, a ausência de retorno imediato também pode se agravar por outros fatores, tais como limitações de conexão impostas pelo acesso à internet, ou a personalidade e os hábitos do próprio usuário, que pode, por exemplo, oscilar entre responder regularmente ou ao acaso as mensagens recebidas. Por outro lado, Crystal observa que os textos produzidos na internet, por não serem estáticos, se diferenciam da escrita convencional. Na *Web* – mas não na modalidade escrita tradicional –, é bastante comum que os textos sejam progressivamente alterados, devido à facilidade oferecida por recursos digitais para mover os textos pela tela, apagá-los ou fazê-los reaparecer, mudá-los de cor, entre outras variações. A isso, Crystal (2005, pp. 88-89) acrescenta o conceito de *hipertexto*: "o salto que os usuários podem dar se desejarem ir de uma página ou site para outro". Crystal nota que, na escrita convencional, alguns recursos, como as notas de rodapé, também propiciam esse "salto" na leitura; entretanto, ele defende que a *Web* "não poderia existir sem seus links de hipertexto" (*op. cit.*, pp. 88-89) e, assim, considera o hipertexto a propriedade funcional mais importante da internet.

De modo geral, Crystal (2005, p. 90) entende que "o *netspeak* é mais compreendido como uma linguagem escrita que foi empurrada em direção à fala do que uma linguagem falada que foi escrita". Contudo, argumenta que não devemos analisar em termos dicotômicos os textos produzidos em ambiente digital, pois não são idênticos à fala, nem idênticos à escrita tradicional. Para Crystal, a comunicação mediada por computador

> é mais do que um agregado de características faladas e escritas. Porque faz coisas que nenhum desses outros meios faz, tem de ser visto como uma nova espécie de comunicação. É mais do que um híbrido de fala e escrita, ou o resultado do contato entre dois veículos existentes há muito. Os textos eletrônicos, de qualquer tipo, não são a mesma coisa que as outras formas de texto. Eles demonstram fluidez, simultaneidade (ao estarem disponíveis em um número indefinido de máquinas) e não se degradam com cópias; transcendem as limitações tradicionais de disseminação do texto; e possuem fronteiras permeáveis (por causa do modo como um texto pode ser integrado a outros ou exibir links para outros). (CRYSTAL, *op. cit.*, p. 90)

Apesar de haver características únicas à comunicação mediada por computador e de se notarem significativas diferenças em relação à fala e à escrita convencionais, Baron (2013) aponta que muitos pesquisadores da internet continuam interessados em descobrir se a CMC se

aproxima mais da fala informal ou da escrita. Crystal, em entrevista a Shepherd e Saliés (2013, p. 32), identifica um consenso – muitas vezes, não devidamente embasado – de que "o discurso escrito das redes sociais é mais informal e mais afastado da língua padrão que o dos meios tradicionais". Isso corrobora a afirmação feita por Herring (2001), segundo a qual popularmente se considerava a CMC como "fragmentada" e "parecida com a fala" (*spoken-like*), entre outras características também levantadas por trabalhos acadêmicos. Contudo, como indica Herring (*op. cit.*), essas propriedades eram atribuídas amplamente à própria natureza do meio digital, sem considerar e distinguir os diferentes tipos e usos da comunicação eletrônica.

Segundo Herring e Androutsopoulos (2015), o DMC não se encaixa facilmente na modalidade escrita, nem na modalidade oral: por um lado, o seu modo de produção é similar ao de outras formas de escrita, mas também apresenta características próximas da fala, além de outras exclusivamente suas. Parece fazer-se mais adequado, portanto, reconhecer as diferentes possibilidades discursivas presentes na comunicação eletrônica e, identificando as suas respectivas características, situar tais interações no contínuo fala-escrita.

Uma das dimensões que pode ser considerada na caracterização dos textos produzidos em ambiente digital é o caráter síncrono ou assíncrono da interação. Tal qual indicado por Herring e Androutsopoulos (*op. cit.*), gêneros discursivos caracterizados por uma comunicação assíncrona, como os e-mails, tendem a se aproximar de interações tipicamente escritas; por outro lado, gêneros de interação síncrona, como os chats ou mensageiros instantâneos, costumam exibir características comumente associadas à fala. No entanto, as autoras notam que a distinção entre o caráter síncrono e assíncrono da comunicação eletrônica está se desfazendo em determinados sistemas de CMC que permitem tanto a interação em tempo real, quanto a disponibilização de mensagens para serem acessadas posteriormente – algo que, segundo as pesquisadoras, se observa, por exemplo, no componente de mensagens privadas do Facebook, denominado Facebook Messenger. Também é o caso do aplicativo de chat WhatsApp, discutido por nós em Pinheiro (2017a). Neste trabalho, ao analisarmos interações pelo WhatsApp, observamos tanto sequências síncronas, quanto outras assíncronas. No exemplo (5), evidencia-se o caráter síncrono das interações; na verdade, nesse exemplo o sincronismo se faz tão presente que uma mensagem de 'J' parece se dispor como interveniente, ou "intrusa", em relação às mensagens de 'N' destacadas em negrito. Observe-se especialmente a hora em que cada mensagem foi enviada.

(5) *Participante 'J'*
(20:43) Cê não tinha mais de 15,00?
Participante 'N'
(20:43) KKKKKK
(20:44) Tinha [mais de 15 reais] sim kkkk
Participante 'J'
(20:44) Po, 'N', eu deixava dinheiro contigo
Participante 'N'
(20:44) Não teria vindo se não tivesse [mais de 15 reais]
(20:44) Mas não dava pra pagar mais que isso

Já no exemplo em (6), também retirado de Pinheiro (*op. cit.*), evidencia-se uma interação composta por maior intervalo temporal entre os turnos dos interlocutores. Aproxima-se, portanto, de uma interação assíncrona.

(6) *Participante 'J'*
(18:01) Eu pago o ingresso
(18:01) Cê me dá um carro 0km
(18:01) Partiu? Partiu
Participante 'N'
(18:07) Claro
Participante 'J'
(18:12) Ou paga minha tatuagem
Participante 'N'
(18:55) Hmmmm
(18:55) Vai fazer uma tatoo?

Retomamos, então, a questão dos suportes levantada por Marcuschi e apresentada ao fim da seção anterior deste capítulo. Marcuschi (2008, p. 185) apresenta a internet como um dos casos que "não devem ser situados entre os suportes textuais", pois "[a] tendência é vê-los como serviços". Apesar disso, ao caracterizar a internet, afirma considerá-la "um *suporte* que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos" (p. 186; grifo nosso). De nossa parte, julgamos inadequado tratar a internet como suporte, conforme justificaremos a seguir.

Os textos produzidos e postos em circulação em ambiente digital podem se apresentar e em dispositivos eletrônicos, como celulares, computadores, *tablets*, e, nestes, colocam-se em funcionamento mais especificamente a partir de determinadas páginas (*sites*) ou programas (aplicativos). Tais dispositivos e programas equivalem a suportes, pois é nesses *loci* que a comunicação eletrônica se manifesta.

Quanto à internet, i.e., a rede pela qual todos os dispositivos e, assim, os seus usuários se comunicam, esta seria o sistema de conectividade que interliga os diferentes pontos da rede eletrônica, mas não é nela em si que a comunicação digital se fixa e se materializa; na verdade, os textos digitais se estabelecem em dispositivos e programas que, por sua vez, se valem da conectividade da internet para operar. Segundo Gomes (2016), a internet é atualmente classificada como *Web* 2.0: uma rede pela qual diferentes pessoas e comunidades se conectam e, a partir dela, não apenas consomem, mas também produzem conteúdo.[9] Por essa razão, consideramos que a internet deva ser realmente caracterizada como um *serviço* – ou até mesmo um *sistema – de conexão*, e não propriamente um suporte. Partimos, pois, de uma analogia com as cartas e a agência de correios. A carta é o gênero discursivo, que, por sua vez, se materializa em um papel. Este é o suporte. A função da agência de correios não é fixar o gênero carta em uma superfície que permita a sua realização; isso já é feito pelo papel. A agência de correios funciona, portanto, como um serviço de conexão, levando os exemplares do gênero carta (e nisso evidentemente se inclui o seu suporte) aos seus respectivos destinatários – tal qual, aliás, também reconhecido por Marcuschi (2008, p. 185).

Justamente por representar uma "rede de conexões", Araújo (2016) nos lembra que, segundo a perspectiva bakhtiniana, a internet não corresponde a uma instância de discurso, pois ela não é propriamente uma esfera de atividade e comunicação humana, i.e., não representa um domínio discursivo. Pela sua conectividade, a internet promove a realização de interações por meio eletrônico, e estas sim, por sua vez, se inscrevem em diferentes domínios discursivos. Assim, nas palavras do autor, "não existem esfera digital nem gêneros digitais, pois a *Web* não é capaz de fornecer uma instância concreta de gêneros que atendam às demandas de um suposto discurso digital" (ARAÚJO, 2016, p. 52). Ainda assim, devido à conectividade instaurada pela *Web* e às particularidades composicionais que dela decorrem, Araújo considera relevante marcar o ambiente digital no qual essas práticas discursivas contemporâneas se situam. Desse modo, sugere a expressão *gêneros discursivos digitais*, a fim de reafirmar o caráter discursivo dos gêneros, de acordo com a abordagem de Bakhtin, e de ressaltar a conectividade promovida pelo ambiente digital.

Antes de encerrarmos esta seção, remetemo-nos às reflexões apresentadas por Ribeiro (2018) acerca da suposta contraposição entre *cultura digital* e *cultura escrita*. Para a

[9] Gomes (2016) nos mostra que essas propriedades da *Web* 2.0 a diferenciam da sua versão anterior, *Web* 1.0. Esta, por ser predominante empresarial e não interativa, licenciava apenas o consumo de informação – em geral, de informação apresentada verbalmente, em contraste com as produções hipertextuais da *Web* 2.0, que, segundo o autor, teria emergido em 2005.

pesquisadora, contrapor essas culturas é um equívoco. Na verdade, a cultura digital representa uma nova fase da cultura escrita, em toda a amplitude da sua história. Dessa mesma cultura escrita, originalmente manuscrita, viu-se emergir a cultura impressa, a partir da invenção da prensa. Mais recentemente, temos acompanhado o advento da cultura digital, também parte da cultura escrita e propiciada, nas palavras de Ribeiro (2018, p. 13), por "um novo modo de escrever, por meio de máquinas e de redes telemáticas, alterando os letramentos e as relações das pessoas com o escrito, o texto, os formatos, as leituras, as formas de produção, publicação, edição, difusão e circulação de objetos de leitura". Assim, as fases da história da cultura escrita não devem desprezar estágios anteriores e, na perspectiva de Ribeiro (*op. cit.*), deve-se considerar que há uma integração de fases, ao invés de uma competição entre elas. Entretanto, isso não anula a necessidade de refletirmos sobre as diferentes fases da cultura escrita e sobre a maneira como elas redimensionam as práticas comunicativas a partir da imbricação de diferentes semioses. Reforça-se, pois, a complexidade da história da escrita.

3. OBJETOS DE ESTUDO E SUAS CORRELAÇÕES

Visto que assumimos a variação do objeto direto de 3ª pessoa como ponto de referência para a comparação estabelecida nesta pesquisa, este capítulo se dedica inicialmente a uma breve descrição deste fenômeno variável, a partir de pesquisas já realizadas sobre o português brasileiro (seção 3.1). Em seguida, volta-se também à caracterização dos dois gêneros discursivos aqui investigados: chats pessoais realizados na plataforma Messenger (3.2) e cartas pessoais (3.3). Após essas apresentações, explicaremos a relação aqui focalizada entre o objeto direto de 3ª pessoa e esses gêneros discursivos, a partir da qual se motiva esta investigação (3.4).

3.1. Objeto direto de 3ª pessoa

A função tradicionalmente denominada objeto direto de 3ª pessoa corresponde ao complemento verbal não preposicionado cujo referente, de acordo com Benveniste (1976, pp. 282-283), indica uma "não-pessoa" discursiva: nem quem enuncia, nem para quem se enuncia.[10] Para a nossa investigação, interessam-nos as ocorrências de objeto direto de 3ª pessoa quando em referência anafórica, i.e., ao retomarem entidades já mencionadas no discurso. Nos termos de Chafe (1994), correspondem a informações já ativadas.

Assim, em se tratando do português brasileiro contemporâneo, preveem-se quatro formas alternantes para a variável OD de 3ª pessoa em referência anafórica: sintagma nominal (SN) e anáfora zero (também denominada objeto nulo),[11] ambas representadas no exemplo (7); pronome pleno (também nominativo, reto ou lexical), variante representada em (8); e clítico acusativo, forma exemplificada em (9).

[10] De acordo com Benveniste (1976), a 1ª e a 2ª pessoas, *eu* e *tu*/*você*, são definidas na própria instância comunicativa (*dêixis*): respectivamente, quem enuncia e para quem se enuncia, em um determinado local, e em um tempo específico. Portanto, os valores da 1ª e da 2ª pessoas, por definição, são altamente condicionados pelo contexto discursivo. Quanto à tradicional 3ª pessoa, no entanto, ela pode se combinar com todo e qualquer tipo de referente, humano ou inumano; não se insere no eixo enunciativo *quem enuncia*/*para quem se enuncia*; tende a ser expressa por um número maior de variantes linguísticas (pronominais ou mesmo nominais) do que a 1ª e a 2ª pessoas; e, ainda segundo Benveniste (*op. cit.*), não se mostra compatível com o paradigma de termos referenciais como *aqui* e *agora*. Concordamos, pois, com Benveniste no seu tratamento da "não-pessoa". Apesar disso, seguiremos denominando a 3ª pessoa desta maneira, apenas a fim de estabelecermos diálogo mais claro com a literatura científica já produzida acerca deste tópico.

[11] Afirmamos preferência pela denominação *anáfora zero*, ao invés de objeto nulo, a fim de ressaltar o fato de que, apesar de não expressa, esta variante se refere a outro termo já presente no discurso. Entretanto, devido ao amplo emprego do termo *objeto nulo* na literatura sociolinguística, ele será considerado por nós como equivalente a *anáfora zero* nesta investigação, e, por vezes, ambos se encontrarão empregados de modo intercambiável.

(7) *Participante 'N':*
[o trabalho] é sobre o que?
Participante 'R':
<u>história da morfologia</u> [...]
Participante 'N':
[a professora] num deu **história da morfologia**
Participante 'R':
no começo ela não deu ___? (Chat privado)

(8) *Participante 'A':*
to morando n<u>um apartamento</u> aki na rua do biomédico..ja te falei né..rss... só q as meninas vão entregar **ele** p dono em dezembro [...] (Chat privado)

(9) *Missivista 'AL':*
[...] caso você resolva realmente enviar <u>a bagagem</u> pelo navio deve pedir ao comandante para tomar cuidado com ela, colocando-**a** no paiol em vez de no porão. (Carta pessoal)

Este fenômeno variável se encontra hoje bastante investigado e amplamente descrito quanto à sua expressão no PB, muitas vezes também comparado às suas ocorrências no português europeu. Os trabalhos de Omena (1978), Duarte (1986), Averbug (2000) e Marafoni (2010) são apenas alguns que exemplificam a vasta literatura já produzida sobre este tópico no Brasil.

O estudo de Omena (1978), pioneiro no tratamento variacionista para o OD de 3ª pessoa no PB, baseou-se na fala de adultos em fase de alfabetização, participantes do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Entre as principais contribuições do seu trabalho para a compreensão desse fenômeno variável, encontra-se a constatação de que, na amostra estudada, o clítico acusativo estava completamente ausente. Omena também observou que, além do pronome nominativo, se notava outra variante para o OD de 3ª pessoa: o "cancelamento do pronome", como designou a anáfora zero ou objeto nulo. Mais do que isso, Omena verificou que a ausência da expressão fonológica do objeto superava os percentuais de uso do pronome pleno, representando 76% do total de ocorrências.

Às três variantes já apontadas na investigação de Omena – anáfora zero, pronome pleno e clítico acusativo –, acrescenta-se, como exemplificado acima, o SN anafórico, seja pela repetição de um mesmo nome, seja pelo emprego de outro nome equivalente. Duarte e Ramos (2015, p. 178) afirmam que, na expressão do OD de 3ª pessoa, essa variante é "sem dúvida a mais importante estratégia de esquiva ao pronome lexical", que, por sua vez, ainda é alvo de estigma, reforçado sobretudo pela escola. Segundo as pesquisadoras, o emprego do SN

anafórico é uma alternativa para os casos em que se deseja fugir ao uso do clítico acusativo, comumente avaliado como muito formal ou até mesmo pedante.

Quanto ao clítico de 3ª pessoa na história do PB, Cyrino (2018a) atesta que a queda no uso desta estrutura se mostra concomitante ao aumento de ocorrência de objetos nulos. Em outras palavras, a predominância do objeto nulo no português brasileiro atual é consequência de um processo de mudança, observado desde o século XIX, que favorece o uso desta variante, à medida que o clítico acusativo se torna escasso. Desse modo, o uso contemporâneo do clítico acusativo de 3ª pessoa, segundo Nunes (2018), advém do aprendizado escolar e, assim, indica alto grau de escolaridade e formalidade. Encontra-se, pois, apenas em alguns gêneros discursivos típicos da escrita convencional, especialmente aqueles inseridos em contextos de maior grau de formalidade e monitoramento. Portanto, o clítico acusativo de 3ª pessoa não faz parte do vernáculo brasileiro, no sentido de Labov (2008 [1972])[12].

Nunes (*op. cit.*) afirma que, na nossa língua, os clíticos em geral "se cliticizam" da esquerda para a direita e, então, tendem a aparecer antepostos aos verbos aos quais se ligam. Por esse motivo, é comum no PB – ao contrário do português europeu – que os clíticos apareçam em posição inicial de sentenças, à exceção, porém, do clítico acusativo de 3ª pessoa, que não espelha a distribuição dos demais clíticos do PB. Nunes (2018, p. 161) demonstra que "Me chame amanhã" e "Te chamo amanhã", com clíticos de 1ª e 2ª pessoas respectivamente, são estruturas comuns na nossa língua, ao contrário de "O chamo amanhã", pouco frequente, se encontrada. Para o autor, os clíticos acusativos de 3ª pessoa requerem que o *onset* (ou ataque, a posição inicial) de suas sílabas seja preenchido, como na forma enclítica "encontrá-*lo*" – algo que, para esses clíticos, a próclise não licencia. Por isso, a ênclise ao infinitivo é apontada como um dos principais contextos nos quais os clíticos acusativos sobrevivem (e.g., DUARTE, 2015; DUARTE; FREIRE, 2014). Assim, Nunes (2018, p. 169) defende que, "entre introduzir novas regras para licenciar o *onset* da sílaba dos clíticos e adquirir uma gramática sem clíticos acusativos de terceira pessoa, as crianças do início do século [XIX] optaram por esta última possibilidade". Disso decorreria, portanto, a concomitância entre o desuso deste clítico e a ampliação no emprego do objeto nulo.

Novamente mencionamos, então, a investigação de Omena (1978), a fim de nos atentarmos a alguns fatores que, no seu trabalho, favoreceram a ocorrência do objeto nulo. Destes, destacam-se aqui o traço [– animado] nos referentes e o fato de a última menção ao mesmo referente também exercer função de complemento verbal. Na verdade, o traço [–

[12] Cf. seção 2.1.

animado] é considerado um dos principais favorecedores do objeto nulo. Em acréscimo ao trabalho de Omena (*op. cit.*), esta constatação tem respaldo em outros estudos tanto sobre dados da fala, quanto sobre dados da escrita (e.g., CYRINO, 2018a; 2018b; MARAFONI, 2010; OTHERO *et al.*, 2018; OTHERO; SCHWANKE, 2018; OTHERO; SPINELLI, 2017; PINHEIRO, 2017b; 2016).

Além de mostrar que o antecedente de um objeto nulo é preferencialmente de traço [–animado], Cyrino (2018b) comenta sobre o papel da função sintática do antecedente no favorecimento à variante nula, a partir de uma perspectiva gerativista. Com base em anúncios de jornal e cartas de leitores dos séculos XIX e XX, a pesquisadora afirma: "O antecedente do objeto nulo do PB também deve ocorrer em uma estrutura paralela a ela, isto é, dado que o objeto nulo é o complemento de um verbo, seu antecedente deve também estar em uma posição de complemento". Esse paralelismo ao qual Cyrino se refere está representado no exemplo a seguir, no qual tanto a menção inicial ao referente "paciência", quanto a sua retomada exercem função de objeto direto.

(10) *Participante 'H'*
nao aguento chat
só vc pra ter <u>paciencia</u>
hahaha
Participante 'L'
pois é
eu tenho ___ (Chat privado)

Em nossas análises sobre o OD de 3ª pessoa na fala de jovens cariocas internos em regime socioeducativo (PINHEIRO, 2016) e em mensagens digitadas por WhatsApp (PINHEIRO, 2017b), conciliando uma abordagem variacionista a princípios funcionalistas, também concluímos que, se um referente exercer função de OD e se mantiver na mesma função, a tendência é que ele se realize como anáfora zero. Desse modo, corroboram-se as conclusões de Omena quanto à influência da animacidade e da manutenção da função sintática sobre a expressão do objeto nulo.

Também nestas investigações (PINHEIRO, 2016; 2017b), observamos o papel da distância referencial no favorecimento à anáfora zero. A partir de um olhar sobre a continuidade tópica proposto por Givón e análogo ao apresentado na seção 2.2 desta dissertação, Paredes Silva (2016) afirma que, quanto à expressão do sujeito de 3ª pessoa em gêneros jornalísticos, distâncias menores entre as menções a um mesmo referente tendem a tornar menos necessário que esta entidade seja explicitada por um nome. Nas análises sistematizadas em Pinheiro (2016;

2017b), chegamos a uma conclusão similar para o OD de 3ª pessoa: quanto mais próximas as menções, maior a tendência a não se preencher o objeto. Corrobora-se, portanto, o princípio da iconicidade postulado por Givón (1991), mais especificamente o seu subprincípio da quantidade: quanto mais previsíveis as informações, maior a tendência de elas serem realizadas por menos material linguístico.

A variação do OD de 3ª pessoa representa, para Duarte (2015), uma das evidências de que as variedades brasileiras da língua portuguesa, no que tange à sintaxe típica da fala, são muito semelhantes: as raras ocorrências do clítico acusativo predominam em grupos de indivíduos mais velhos; além disso, nas palavras da pesquisadora, "[o] fato é que [...] todos preferem um objeto anafórico nulo" (DUARTE, 2015, p. 31). Duarte e Ramos (2015) reiteram essas afirmações, ao sistematizarem os resultados de 13 pesquisas acerca do OD de 3ª pessoa no PB oral, empreendidas nas regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Concluem, tal qual apontado por Duarte (2015), que o objeto nulo é a variante mais frequente em todas as regiões brasileiras observadas, e que o clítico acusativo, se não estiver completamente ausente, se verifica em baixos índices. Além destas variantes, notam-se também o SN anafórico e o pronome pleno, formas já discutidas aqui.

Entretanto, em relação ao PB na sua modalidade escrita convencional, o cenário se diferencia do descrito acima. Por um lado, podem se fazer presentes as quatro variantes atestadas para o PB oral – anáfora zero, SN anafórico, pronome pleno e clítico acusativo. Contudo, tais formas encontram-se em outra distribuição. Por exemplo, Duarte e Freire (2014), ao analisarem dados da escrita jornalística correspondente ao período de 1995 a 2004, encontraram predominância do clítico acusativo (57%) – variante escassa em dados tipicamente orais. Em seguida, nota-se o objeto nulo em 27% dos dados, o que já indica certo grau de infiltração desta variante em dados da escrita, ao que se seguem 13% de SNs anafóricos e 3% de pronomes plenos.

Depreendem-se, portanto, diferenças significativas entre a expressão do objeto direto em textos característicos da fala e os da escrita. Nesta pesquisa, voltaremos o nosso olhar à expressão do OD de 3ª pessoa em dois gêneros que, apesar de escritos, compartilham semelhanças com produções típicas da fala: conversas por chats e interações por cartas pessoais. Dessa maneira, esse fenômeno variável nos permitirá comparar tais gêneros discursivos quanto ao seu grau de proximidade com a modalidade oral do português brasileiro. Na próxima seção, caracterizamos os chats e as cartas, nesta ordem.

3.2. Gêneros discursivos

3.2.1. Conversas pelo Messenger: chats ou mensagens instantâneas?

Messenger, também conhecido como Facebook Messenger, é uma das diversas plataformas desenvolvidas pela empresa Facebook que visam a possibilitar interações entre diferentes pessoas via internet, como o próprio aplicativo Facebook e o Instagram. De acordo com uma página oficial da empresa, os seus produtos conectam mais de 3 bilhões de pessoas em todo o mundo (FACEBOOK, 2021a). Já em outra página da empresa, dedicada especificamente à plataforma Messenger, ela é apresentada desta maneira:

> O Messenger ajuda você a se conectar com as pessoas mais importantes na sua vida. Ele é o seu espaço compartilhado para personalizar e expressar seus pensamentos e compartilhar conteúdo e experiências em *tempo real* com outras pessoas, em qualquer dispositivo, a qualquer momento, em qualquer lugar (FACEBOOK, 2021b, n.p.; grifo nosso).

Nesta descrição, destacamos o fato de que as interações pela plataforma podem ocorrer em tempo real, caracterizando-se majoritariamente como interações síncronas.

É possível acessar o Messenger tanto por algum navegador da *Web*, quanto pelo *download* de aplicativo próprio da plataforma.[13] Assim, ao se acessar a versão mais recente do serviço, depara-se com um campo intitulado "Bate-papos", conforme demonstrado na imagem 2. À esquerda do termo "Bate-papos", nota-se a foto do perfil do usuário; à direita, veem-se ícones que levam a iniciar uma chamada de vídeo, a escrever uma nova mensagem ou a selecionar outras opções; por fim, logo abaixo encontra-se uma caixa de busca para encontrar outros usuários ou conversas anteriores empreendidas por meio da plataforma. Desse modo, é possível se engajar em interações diádicas (de um para um), ou em interações com múltiplos participantes (de muitos para muitos).

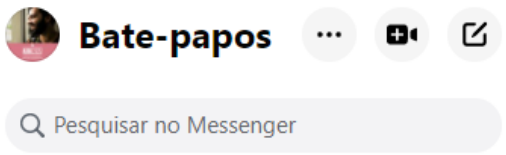

Imagem 2: Recorte da página inicial do Messenger.
Fonte: Do autor.

[13] O acesso ao Messenger por navegadores da *Web* pode ser feito através da página https://www.messenger.com/. Neste mesmo *link*, pode-se adquirir gratuitamente o aplicativo da plataforma, disponível para computadores e dispositivos móveis. Acesso em 22/01/2021.

A imagem 3, por sua vez, traz o recorte de uma interação empreendida entre duas pessoas nesta plataforma. À direita, em tons de azul, estão as mensagens enviadas pelo indivíduo cujo perfil foi acessado através do dispositivo. À esquerda, na cor cinza claro, estão as mensagens enviadas pela outra pessoa com quem se interage, também usuária da plataforma. É a esta pessoa – interlocutora da primeira – que correspondem as pequenas fotos presentes na imagem, sempre à esquerda da tela.

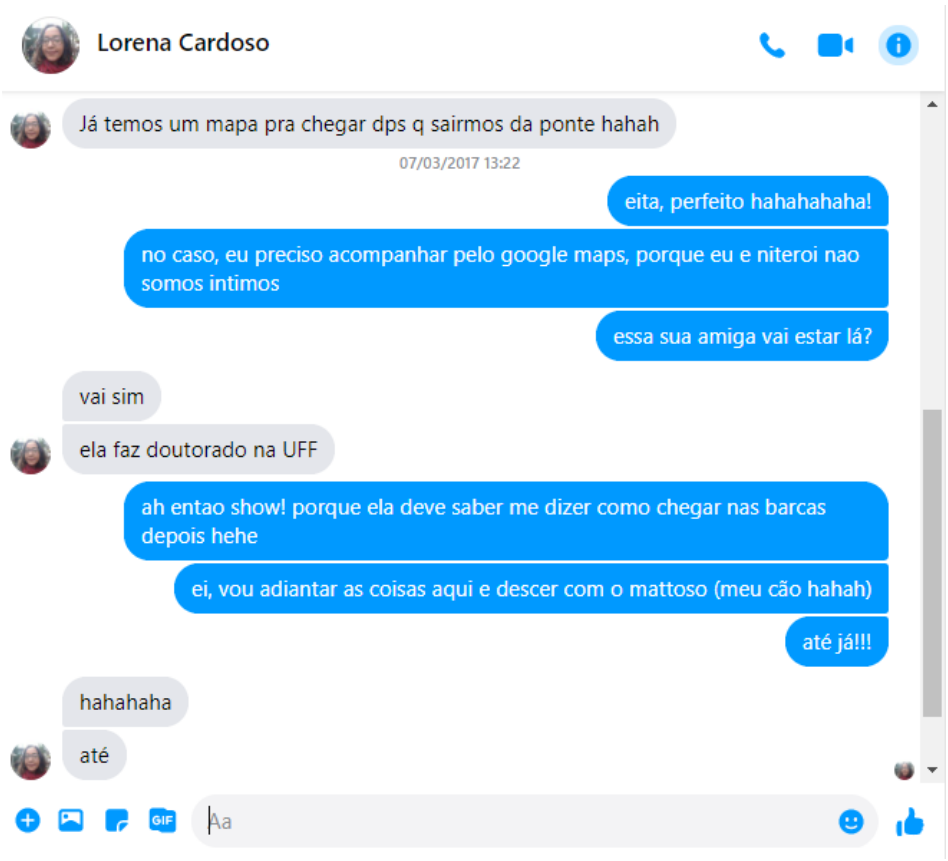

Imagem 3: Recorte de uma interação diádica pelo Messenger.
Fonte: Do autor.[14]

Contudo, observe-se que o *layout* e os ícones disponíveis nas imagens 2 e 3 referem-se à versão do Messenger segundo a sua atualização em 24 de janeiro de 2021. Versões anteriores da plataforma não contavam com todos os recursos hoje disponíveis, da mesma forma que atualizações futuras tendem a promover modificações a fim de retirar componentes antigos, alterá-los ou acrescentar novos.

[14] Esta imagem foi reproduzida com a permissão de Lorena, minha interlocutora nesta interação, a quem, portanto, agradeço pelo consentimento.

Compreende-se, portanto, que o Messenger é o suporte no qual se realizam instâncias comunicativas classificadas como bate-papos – ou chats, nos termos de Araújo (2010) e Marcuschi (2010). Note-se, pois, que o gênero discursivo em questão é o bate-papo, e não o Messenger; este é o espaço (virtual) no qual tal gênero se manifesta.

Para Araújo, o chat advém do que Bakhtin (2003 [1979], p. 275) denomina diálogo cotidiano, "a forma clássica de comunicação discursiva". No diálogo, toda intervenção, ainda que seja breve e fragmentária, "possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva" (*op. cit.*, p. 275). Desse modo, as características da conversa cotidiana, na perspectiva de Araújo (2010), são transmutadas pela *Web* e, assim, geram uma nova formatação do diálogo, expressa no chat, que, por sua vez, é uma situação comunicativa complexa, da qual decorre uma constelação de gêneros chats. Chama-se *constelação de gêneros*, segundo Araújo (2006, p. 74), "um agrupamento de situações sócio-comunicativas que se organizam por meio de pelo menos uma característica comum à esfera de comunicação que os congrega, partilhando do mesmo fenômeno formativo e atendendo a propósitos comunicativos distintos". Dessa maneira, o termo *chat* faz referência não a um único gênero discursivo, mas a um agrupamento de vários gêneros chats.

Marcuschi (2010), por sua vez, detalha alguns dos gêneros de chat existentes à época. Entre eles, encontram-se o chat em aberto, o chat reservado e o chat privado. O chat em aberto se caracteriza, segundo o pesquisador, pela presença de inúmeras pessoas no bate-papo, que interagem entre si em um só ambiente e de modo síncrono. O chat reservado, para Marcuschi, corresponde a uma variante do chat em aberto, diferenciando-se deste pelo fato de que, embora continuem vendo os demais participantes, dois interlocutores podem selecionar-se mutuamente e, então, trocarem mensagens exclusivas entre si. Por fim, o chat privado – também considerado uma variante do chat em aberto – caracteriza-se pela interação entre apenas dois parceiros de diálogo que, sozinhos, estão presentes em uma sala de bate-papo privada. Além disso, Marcuschi observa que, nos chats estudados, a comunicação se dá predominantemente pela escrita – ou, de modo mais específico, pela escrita digital.[15] Apesar disso, os bate-papos representam produções síncronas, característica tipicamente associada à oralidade. Entretanto,

[15] A nossa interpretação do termo *escrita digital* restringe-se aos textos que são realizados por meio da escrita em plataformas típicas do ambiente digital, i.e., plataformas que não buscam emular a escrita em papel. Desse modo, excluem-se da escrita digital textos produzidos em programas como o Microsoft Word e o Google Documentos, que, apesar de serem plataformas digitais, trazem até mesmo no seu *layout* a representação de uma folha de papel.

é possível que a troca de mensagens não seja imediata, caso os interlocutores demorem a responder ou estejam se comunicando com várias pessoas simultaneamente.[16]

Uma consequência de a comunicação por chats ser majoritariamente síncrona, pautada pela escrita digital e capaz de envolver diversos participantes é o fato de que, nessas interações, são comuns usos linguísticos muitas vezes caracterizados como "telegráficos" ou fragmentados (HERRING, 2012). Baseando-se em dados do inglês, Murray (2000) atesta, entre outras características, o emprego de abreviações e uma sintaxe simplificada. Nesta, inclui-se, por exemplo, o apagamento de sujeitos e modais – algo, em princípio, incomum em textos característicos da fala e da escrita em língua inglesa. Herring (2012) observa que, por vezes, esses usos linguísticos devem-se à demanda de se manter uma interação rápida, típica do ambiente digital, sobretudo de contextos informais. Portanto, recorrer a abreviações e a omissões de termos nas sentenças permite poupar caracteres, de tal maneira que se garanta maior agilidade à comunicação.

Notam-se, então, os dois parâmetros básicos pelos quais, segundo Baron (2013), se pode definir a comunicação mediada por computador. Primeiro, devemos nos atentar ao caráter síncrono ou assíncrono da comunicação. Nas palavras da pesquisadora, "[n]a CMC sincrônica, a transmissão é essencialmente instantânea. Presume-se que os interlocutores estejam fisicamente presentes para ler e responder às mensagens, o que não acontece na CMC assíncrona" (BARON, 2013, p. 125). O outro parâmetro refere-se à quantidade de participantes na interação: se é uma comunicação diádica, ou uma comunicação de muitos para muitos. Com base nessas características, Baron estabelece uma distinção entre chat e mensagem instantânea. Ambas são comunicações essencialmente síncronas; contudo, enquanto o chat representaria uma interação com múltiplos participantes, a mensagem instantânea envolveria apenas dois interlocutores.

As interações realizadas no Messenger tendem a ser síncronas, construídas em tempo real, conforme apresentado pela própria empresa. No entanto, tal qual Herring e Androutsopoulos (2015) apontam, as mensagens nessa plataforma podem ficar registradas e, assim, ser respondidas posteriormente. Rompe-se, pois, com uma suposta dicotomia entre comunicação síncrona e assíncrona. Além disso, o Messenger permite dar início tanto a

[16] Conforme o nosso conhecimento, a possibilidade de os bate-papos acontecerem tanto de modo síncrono, como de modo assíncrono é válida para a maioria das principais plataformas de chat utilizadas atualmente, como o Messenger, o WhatsApp e o serviço de mensagens instantâneas do Instagram. Em todas essas plataformas, as mensagens ficam registradas, o que possibilita aos usuários acessá-las posteriormente. Para descrições sobre plataformas de chat anteriores, como o ICQ e o AOL Instant Messenger, remetemo-nos a Petronzio (2012) e Barot e Oren (2015).

interações diádicas, quanto a interações com múltiplos participantes. Na verdade, em uma conversa da qual, de início, participavam apenas dois interlocutores, outros usuários podem ser inseridos posteriormente e, caso desejem, podem também sair do bate-papo a qualquer momento. É possível ainda que uma mensagem originalmente enviada para uma só pessoa seja encaminhada para outros usuários da plataforma. Parece, portanto, que mesmo a divisão entre CMC de um para um e CMC de muitos para muitos não se sustenta com tanta facilidade – algo notado até mesmo por Baron (2013).

Por essas razões, optaremos por não distinguir entre chat (ou bate-papo) e mensagem instantânea. Assim, devido à nossa maior familiaridade com o termo, daremos preferência à expressão *chat*, considerando-a intercambiável a *bate-papo*, sem que isso implique a rejeição da classificação como mensagem instantânea. Afirmamos, pois, que o Messenger é uma plataforma de chat, caracterizada desta maneira por ser um suporte que permite a realização do chat, enquanto gênero discursivo digital – nas suas diversas manifestações.

Por fim, conforme indicam Araújo (2010), Baron (2013), Marcuschi (2010) e Herring e Androutsopoulos (2015), consideramos que os bate-papos se aproximam da conversa cotidiana, mesmo que, muitas vezes, sejam realizados por intermédio da escrita digital – o que não significa dizer que o chat corresponde à mera transposição da fala para a escrita. Afinal, como já demonstrado, o ambiente digital faz emergir diferentes particularidades que tornam inviável classificarmos os textos da internet simplesmente como falados ou escritos. Estamos, portanto, partindo da ideia de que as nossas interações se situam em um contínuo de propriedades, tal qual apontado, por exemplo, por Marcuschi (2008; 2010), Paredes Silva (1997) e Herring e Androutsopoulos (2015).

3.2.2. Cartas pessoais

Por um lado, nas nossas comunicações a distância, hoje em dia parece pouco provável recorrermos às cartas como primeira opção. Por outro, seja na escola, seja fora dela, as cartas costumam se fazer presentes. A título de exemplo, podemos mencionar o Concurso Internacional de Redação de Cartas para Jovens, anualmente promovido pela União Postal Universal (UPU) e realizado no Brasil pelos Correios.[17] Em sala de aula, são comumente trabalhados gêneros discursivos como a carta do leitor e a carta aberta. Já na vida adulta,

[17] Mais informações sobre o concurso estão disponíveis na página eletrônica dos Correios: https://www.correios.com.br/sobre-os-correios/educacao-e-cultura/concurso-internacional-de-redacao-de-cartas. Acesso em 22/01/2021.

destacam-se também cartas de cobrança, cartas de intimação e, independentemente da faixa etária dos interlocutores, não são raras cartas de amor. De modo análogo aos chats, Araújo (2006) aponta para a existência de uma constelação de gêneros cartas. Neste estudo, a nossa atenção está voltada mais especificamente para as cartas pessoais: aquelas trocadas entre pessoas mutuamente conhecidas, entre as quais costuma se observar alto grau de intimidade, em interações pautadas por assuntos da esfera privada. É o que se nota, por exemplo, na carta transcrita abaixo, integrante do *corpus* de cartas pessoais organizado por Paredes Silva (1988).

Rio, 18 de novembro de 1982.

Oi M.!

Tudo bem por aí? Como vão todos? E Tia V., está melhor das dôres de cabeça? Espero que sim.

E você, como vai na faculdade? Eu soube que você estava feito doida atrás de um emprego. Como é já arranjou? Me conta tudo, viu?

Eu estou ficando maluquinha nesta minha faculdade, pois fico a semana inteira de manhã e de tarde tendo aula e como você já sabe, minha faculdade é bem distante. Se não arranjo carona, tenho que pegar um ônibus e depois o trem para o subúrbio. Outra coisa que me deixa muito cansada é o estágio obrigatório no hospital da faculdade. São duas manhãs de trabalho intenso.

Bom, vou parar de falar de estudos para falar de assuntos mais agradáveis.

E o namorado, como vai? Tomara que esteja tudo bem, pois gosto muito de vocês dois.

Eu e Carlos estamos muito bem, graças a Deus. Temos feito muitos planos para o futuro, mas por enquanto são só planos. Eu estou apaixonadíssima!

E os programas? O que vocês fazem por aí? Tem muita opção? Nós temos ido muito à cinema que ainda é um programa barato. Teatros e shows só quando vale muito a pena, pois está um absurdo. Nunca menos que Cr$1.000,00.

Há um mês fui ver o show do Djavan, este sim, eu paguei com prazer.

Olha devo ir em fevereiro para Guarapari e espero te ver e também aos seus.

* Espero carta breve, viu?

Um beijo da amiga para você e para todos.
Maninha

*Vou ficando por aqui, porque já estou atrasada para o dentista.

Conforme dito anteriormente, não compreendemos fala e escrita em termos dicotômicos; trata-se, na verdade, de um contínuo de propriedades, a partir do qual se situam os variados gêneros pelos quais interagimos. Assim, um gênero realizado principalmente pela modalidade oral, como uma palestra, pode apresentar muitas características típicas da escrita. Do mesmo modo, um gênero realizado pela via escrita, como um bilhete deixado na porta da geladeira, também pode compartilhar características com textos típicos da fala. Paredes Silva

(1988), na sua pesquisa sobre a variação do sujeito em cartas pessoais, defende que este é um gênero discursivo que se aproxima da oralidade, apesar de expresso pela escrita.

Devido à relação entre os interlocutores e aos assuntos que nelas emergem, as cartas pessoais se inscrevem no que Bakhtin denomina discurso íntimo. Nas suas palavras, "[o] discurso íntimo é impregnado de uma profunda confiança no destinatário, em sua simpatia – na sensibilidade e na boa vontade de sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o falante abre as suas profundezas interiores" (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 304). Dessa forma, se a conversação casual permite um uso distenso da língua, em um registro majoritariamente informal, orientado por uma relação de maior proximidade afetiva entre os interlocutores, estas características também podem ser atribuídas às cartas pessoais. A isso, Paredes Silva (1988, p. 74) acrescenta que, de modo semelhante às conversas espontâneas, nas cartas pessoais "[a]ssuntos do dia-a-dia também podem ir se sucedendo ao sabor das circunstâncias, assim como vão surgindo as digressões, associações, lembranças: ao correr da pena" – ainda que nas cartas se reconheçam certas fórmulas convencionais, sobretudo no início e no término. Também Marcuschi (2008), ao caracterizar diferentes gêneros discursivos em termos do contínuo fala-escrita, afirma que uma carta pessoal, um bilhete casual e um telefonema pessoal se aproximam da conversação espontânea, ainda que se manifestem por modalidades distintas. Tal aproximação, segundo o pesquisador, se revela tanto "nas seleções morfossintáticas, como na natureza do léxico e no grau de monitoramento da enunciação" (MARCUSCHI, 2008, p. 191).

Contudo, não podemos desconsiderar dois aspectos que diferenciam as cartas das conversas face-a-face. O primeiro deles refere-se ao suporte no qual cada gênero se realiza. Marcuschi (2008) defende que a mudança de suporte não gera uma mudança no conteúdo; apesar disso, atesta que um gênero discursivo sempre é identificado na sua relação com o suporte, pois é nele que o gênero surge e se concretiza. Assim, a conversação pauta-se pela via oral – em alguns casos, por intermédio também de outros suportes, como telefones fixos ou celulares – e, com isso, mostra-se sensível às inúmeras variáveis que se manifestam no momento da interação, como ruídos externos à conversa e interrupções não planejadas. Devem-se a isso, portanto, caracterizações como redundante, imprecisa e fragmentária, muitas vezes atribuídas à conversação casual. Ao contrário, uma carta pessoal manifesta-se por papel – seja escrita a mão, datilografada em uma máquina de escrever, ou digitada em dispositivos eletrônicos mais recentes. Logo, mesmo que no momento da escrita possam emergir interrupções de diversas naturezas, o missivista pode, com maior facilidade, cessar a produção

da carta, para retomá-la ou corrigi-la quando julgar viável, sem que isso prejudique a situação comunicativa. Além disso, Votre (2013) declara que existem pressões específicas à modalidade escrita, geralmente reforçadas pela atividade escolar. Portanto, a produção de uma carta pode vir a demandar maior grau de atenção e monitoramento à atividade em si do que se esperaria da conversação espontânea. Reiteramos, pois, como atestado por Labov (2008 [1972]), que diferentes graus de atenção e de monitoramento à produção linguística tendem a gerar diferentes estilos de uso da língua.

Da diferença de suporte, decorre outra distinção entre as cartas pessoais e as conversas cotidianas. Em uma interação por missivas, cada carta é produzida em um intervalo temporal certamente maior do que aquele observado entre as intervenções de uma conversação espontânea. Na escrita de cartas, é necessário primeiro que um dos interlocutores tome a iniciativa de começar a troca de correspondência. A sua carta será, então, enviada para o destinatário, que, por sua vez, deverá lê-la, antes de escrever outra carta em resposta e endereçá-la para o emissor da primeira carta. Assim, os turnos da interação por missivas tendem a se definir de modo mais preciso do que muitas vezes os turnos em uma conversa casual. Nesta, os turnos de fala podem se entrecortar ou se sobrepor, muitas vezes dificultando a definição de cada um. Dessa maneira, Paredes Silva (1988) identifica uma assimetria entre os missivistas: o controle da comunicação e dos temas depende de quem escreve a primeira carta. Entretanto, a pesquisadora reconhece que tal assimetria é circunstancial – não só porque emissores e destinatários das cartas pessoais investigadas tinham, em geral, relacionamento próximo, sem diferença de *status* social, mas também porque, na carta de resposta, a assimetria se inverte.

Com base nesses apontamentos, admitimos importantes distinções entre as cartas pessoais e a conversação espontânea, mas concordamos com Marcuschi (2008) e Paredes Silva (1988) quanto ao reconhecimento de que, entre os gêneros tipicamente associados à modalidade escrita, as cartas pessoais caminham na direção da conversa cotidiana. Isso pode ficar ainda mais evidente ao nos remetermos à época – não tão afastada dos dias atuais – em que a troca de cartas era a principal forma de comunicação a distância, antes de as ligações telefônicas se tornarem mais acessíveis e de se popularizar o acesso à internet. Assim, era predominantemente pelas cartas que pessoas de diferentes localidades interagiam entre si, visando até mesmo a uma comunicação informal, a depender do grau de proximidade entre elas e dos assuntos tratados nas missivas. Julgamos, pois, que estas palavras de Paredes Silva (1988, p. 75) sintetizem o raciocínio aqui construído: o gênero carta pessoal, "enquanto uma das modalidades culturais de

comunicação escrita, apresenta semelhanças com uma conversa casual, guardadas as diferenças do meio [i.e., suporte] usado e da situação dos envolvidos".

3.3. Relações entre objetos diretos, chats e cartas pessoais

Até o momento, apresentamos separadamente o objeto direto de 3ª pessoa, os chats e as cartas pessoais. Falta, contudo, relacioná-los devidamente. É este o objetivo desta seção.

Iniciamos, pois, com uma pergunta: por que comparar interações por chats e cartas pessoais? Essa comparação deve-se ao fato de que, à sua maneira, tanto os chats, quanto as cartas pessoais apresentam semelhanças com a conversação espontânea, conforme demonstramos ao longo da seção anterior. Reiteramos, pois, que o diálogo cotidiano é o gênero discursivo que, para Bakhtin (2003 [1979], p. 275), representa "a forma clássica de comunicação discursiva". Além disso, segundo a perspectiva de Labov (2008 [1978], p. 244), a conversa casual nos permite mais facilmente observar o vernáculo, "o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala". Desse modo, também nos chats e nas cartas pessoais poderíamos encontrar dados linguísticos que, em determinada medida, se aproximem daqueles observados em interações típicas da modalidade oral.

No entanto, não devemos partir do princípio de que sejam idênticos os graus de proximidade entre, de um lado, os chats e os textos típicos da fala e, de outro, as cartas pessoais e a comunicação tipicamente oral. Os gêneros discursivos aqui comparados à modalidade falada da língua portuguesa se inscrevem em contextos de produção textual bastante distintos. Certamente compartilham a característica de serem interações majoritariamente informais, devido ao maior grau de proximidade afetiva entre os participantes e aos assuntos que costumam veicular. Apesar disso, realizam-se em suportes muito diferentes – as cartas, no papel; e os chats, em plataformas de bate-papo online. Disso, decorrem também diferenças relativas ao tempo de resposta em cada gênero discursivo: ambos tendem a pressupor uma resposta do interlocutor, mas, nos chats, a comunicação ocorre predominantemente de modo síncrono, ao contrário das cartas, essencialmente assíncronas. Por outro lado, tanto os bate-papos, quanto as cartas afastam-se da modalidade oral por se expressarem através da escrita – ainda que os chats se valham da escrita digital e possam mesclar outras semioses além do texto escrito.

Nesta pesquisa, a análise da variação do objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica apresenta-se, portanto, como uma maneira de investigar o grau de proximidade dos

chats e das cartas pessoais com os textos típicos da modalidade oral do português brasileiro. Em outras palavras, a distribuição das variantes do OD de 3ª pessoa poderá nos servir como parâmetro para estudar a evolução da escrita informal, a partir relação das cartas pessoais (gênero da escrita convencional) e dos chats privados (gênero da escrita digital) com a fala brasileira.

Cabe agora outro questionamento: de que modo a expressão variável do OD de 3ª pessoa em referência anafórica pode contribuir para que se monitore a proximidade dos chats e das cartas pessoais com o PB oral? Retomamos, assim, o panorama geral brasileiro para este fenômeno variável, que apresenta significativas diferenças entre os textos característicos da modalidade oral da nossa língua e aqueles tipicamente associados à modalidade escrita.

Conforme apresentado na seção 3.1, na fala brasileira predominam altos percentuais de anáfora zero (ou objeto nulo). Notam-se também ocorrências de sintagmas nominais anafóricos e de pronomes plenos na retomada em função acusativa de um referente já mencionado no discurso. Entretanto, o clítico acusativo de 3ª pessoa, variante adquirida sobretudo por intermédio da ação escolar, apresenta-se completamente ausente ou em índices muito baixos nos dados da modalidade oral do PB. Na verdade, segundo Duarte e Ramos (*op. cit.*), esta variante por vezes é percebida como muito formal ou até mesmo pedante.

Já em relação aos textos característicos da modalidade escrita, observa-se outra distribuição de variantes: a tendência, sobretudo em textos com maior grau de monitoramento e formalidade, é que se observe índice mais expressivo do clítico acusativo (muitas vezes, predominante), seguido pela anáfora zero, pelo SN anafórico e, em alguns casos, pelo pronome pleno (cf. DUARTE; FREIRE, 2014). Logo, no que se refere à variável OD de 3ª pessoa, vê-se que a fala e a escrita brasileiras, em termos gerais, caracterizam-se principalmente pelos índices de ocorrências da anáfora zero e do clítico acusativo.

Assim, com base neste panorama geral relativo ao OD de 3ª pessoa, dados de chats e cartas pessoais podem ser comparados, a fim de relacioná-los com evidências características da fala brasileira. Índices mais altos de anáfora zero em textos destes gêneros discursivos tenderiam, portanto, a aproximá-los de produções típicas do PB falado. Em contrapartida, percentuais mais expressivos do clítico acusativo indicariam maior proximidade com textos característicos do PB escrito, sobretudo de interações com maior grau de monitoramento. Além disso, partindo do pressuposto de que os textos típicos da fala são aqueles que mais facilmente nos permitem observar o vernáculo, a comparação entre chats e cartas pessoais também

demonstraria em qual desses gêneros é mais provável emergir um estilo mais próximo do vernacular, na perspectiva laboviana.

Entre os estudos que levantamos para elaborar a nossa pesquisa, destacamos o trabalho de Othero *et al.* (2018). Trata-se de uma investigação cujo objetivo era comparar dados de OD de 3ª pessoa em dois *corpora* escritos que, nas suas palavras, "trazem características de oralidade e tentam se aproximar da fala" (OTHERO *et al.*, 2018, p. 72). Assim, comparam as ocorrências de OD de 3ª pessoa em uma amostra de postagens na rede social Twitter – plataforma digital – e em um *corpus* de histórias em quadrinho. Atestam, então, a preferência pelo objeto nulo nos dados do Twitter (68,4%), nos quais não foram encontradas ocorrências do clítico acusativo. Já nas histórias em quadrinho (HQs), fez-se presente o clítico acusativo em índices que, segundo os autores, foram maiores do que esperavam (25%). Quanto às demais variantes nas HQs, os pesquisadores observam percentuais bastante próximos para o objeto nulo (39%) e o pronome pleno (36%) – variante que também se destacou no *corpus* de postagens no Twitter (31,6%).

Por um lado, considerados os propósitos que temos nesta investigação, o trabalho de Othero *et al.* mostra-se relevante, visto que analisam o mesmo fenômeno variável aqui focalizado (OD de 3ª pessoa) e, no seu estudo, tecem comparações entre dados da escrita digital e o PB falado vernacular. Entretanto, dois aspectos na pesquisa de Othero *et al.* chamam-nos a atenção. O primeiro refere-se ao fato de que, na sua coleta de dados do Twitter, os próprios autores admitem ter analisado "postagens de usuários brasileiros indiscriminada e aleatoriamente" (OTHERO *et al.*, 2018, p. 76), tendo controlado a data das postagens (2016 e 2017), mas não fatores como faixa etária ou escolaridade dos indivíduos. Além disso, a sua pesquisa voltou-se à alternância entre objeto nulo, pronome pleno e clítico acusativo, sem qualquer menção ao sintagma nominal anafórico – estrutura que, para nós, corresponde a uma variante do OD de 3ª pessoa. Portanto, ainda que o trabalho de Othero *et al.* nos ofereça importantes reflexões sobre a escrita digital a partir de dados do Twitter, os seus resultados não se mostraram diretamente comparáveis aos de nossa pesquisa.

Neste sentido, remetemo-nos também a uma investigação realizada por nós acerca da variação do OD de 3ª pessoa em conversas de WhatsApp (PINHEIRO, 2017b). O nosso objetivo era justamente relacionar essas interações – que também correspondem a chats – com textos típicos da fala ou da escrita brasileira. Para isso, analisamos oito chats diádicos realizados pela plataforma WhatsApp em 2015. Os participantes destas interações eram jovens universitários (de 19 a 21 anos), representantes de regiões brasileiras distintas. Todos os

interlocutores apresentavam certo grau de intimidade entre si. Este estudo nos mostrou ampla preferência pela anáfora zero (64,2%), seguida pelo SN anafórico (25%) e pelo pronome pleno (10%). Apenas dois dados (0,8%) de clítico acusativo foram encontrados. Desse modo, tal distribuição se assemelha àquela já atestada para o PB oral.

Além disso, o tratamento estatístico das ocorrências nos mostrou que três grupos de fatores exerciam influência sobre a expressão da anáfora zero: a animacidade do referente, a distância entre as menções e a função sintática da menção anterior. Assim, o traço [– animado] nas entidades, distâncias menores entre as referências a uma só informação e o fato de o antecedente também exercer função acusativa favoreceram a realização da anáfora zero, em comparação às demais variantes encontradas. Este resultado corrobora os de outras investigações sobre o português brasileiro oral e indica, então, proximidade entre esta modalidade do PB e as interações informais por WhatsApp.

Ainda em Pinheiro (2017b), comparamos os percentuais das variantes do OD de 3ª pessoa no WhatsApp com aqueles observados em dados da escrita universitária convencional, conforme os resultados de Averbug (2000, *apud* MARAFONI, 2010). Evidenciamos forte diferença entre as amostras, visto que, na escrita corrente, os universitários utilizaram o clítico acusativo em 40% dos dados, seguido de 37% de SN anafórico e 23% de objeto nulo. Não se notou ocorrência do pronome pleno. Trata-se de uma distribuição de variantes bastante distinta daquela encontrada para a escrita no WhatsApp. Contudo, nesta comparação, não foi considerada a faixa etária dos informantes – apesar de serem todos universitários –, o que, a nosso ver, fragiliza a comparação.

Por essas razões, a fim de controlar o máximo de variáveis possível, nesta investigação analisaremos dois *corpora* diferentes dos discutidos acima: uma amostra de chats privados do Messenger, com interações realizadas entre jovens cariocas universitários em 2012; e um *corpus* de cartas pessoais escritas entre 1979 e 1984 por jovens cariocas, também universitários. São amostras de escrita informal que correspondem a textos de dois períodos distintos, com possibilidades e padrões interacionais específicos a cada gênero, mas que, em certa medida, se aproximam pela cronologia: as cartas foram escritas em um período que antecede, apenas em alguns anos, a popularização da internet – esta, por sua vez, representada pelos chats.

No próximo capítulo, descrevemos os *corpora* de chats e cartas analisados por nós e detalhamos a metodologia que empregamos na coleta e na análise dos dados investigados.

4. *CORPORA* E METODOLOGIA

Apesar de reconhecer que muitos pesquisadores continuam interessados em caracterizar a comunicação mediada por computador como mais próxima da fala informal ou da escrita, Baron (2013, p. 126) afirma que um problema para essa caracterização "é que poucas tentativas empíricas vêm sendo feitas para contrastar os dados da CMC com *corpora* comparáveis falados ou escritos". Esta é uma lacuna que pretendemos preencher.

Esta é uma pesquisa de natureza empírica, pois se debruça sobre amostras de dados linguísticos reais. Para isso, pauta-se pela codificação e quantificação dos dados – abordagem característica da Sociolinguística Variacionista –, a fim de verificar o grau de proximidade dos gêneros discursivos chat privado e carta pessoal com textos típicos da fala brasileira. Na verdade, o que importa não são os números em si, mas o aspecto teórico que dá base à discussão. Contabilizamos as ocorrências linguísticas para dar mais credibilidade à análise empreendida.

A investigação aqui proposta parte da análise de dois *corpora*. Um deles é uma amostra de interações por chat empreendidas pela plataforma Messenger. Trata-se de um *corpus* organizado por Pimienta (2013) e, nos termos de Marcuschi (2008), composto por conversas em chats privados, i.e., apenas entre duas pessoas. Segundo Pimienta (*op. cit.*), são interações espontâneas e de relação simétrica entre os interlocutores, com alto grau de intimidade entre eles. Analisamos, portanto, 17 chats diádicos do Messenger, com interações empreendidas em 2012 por pessoas naturais do Rio de Janeiro que, à época, cursavam a graduação. Todas as pessoas encontram-se na mesma faixa etária: entre 19 e 28 anos quando da realização dos chats coletados. Apesar de o chat do Messenger ser, conforme discutido por Araújo (2010), de natureza hipertextual e, assim, apresentar diferentes semioses imbricadas, tivemos contato apenas com as mensagens efetivamente digitadas, i.e., os textos verbais produzidos por escrito na plataforma digital. Eventuais imagens, áudios ou outros materiais que possam ter composto as interações não ficaram registrados nos arquivos aos quais tivemos acesso.

A segunda amostra na qual esta pesquisa se pauta é um *corpus* de cartas pessoais originalmente compilado e descrito por Paredes Silva (1988). Estas cartas foram escritas entre 1979 e 1984 por cariocas, todos os quais tinham em comum, além da naturalidade, o fato de terem concluído o segundo grau – atual Ensino Médio. Muitos informantes eram estudantes universitários ou já haviam concluído o Ensino Superior. Paredes Silva (*op. cit.*) afirma ainda que estas missivas foram trocadas entre familiares ou amigos próximos e atesta que, de modo geral, os missivistas conferem às cartas características de oralidade e um tom de descontração.

Debruçamo-nos, pois, sobre 41 cartas do total de 70 coletadas por Paredes Silva. As 41 cartas analisadas por nós foram escritas por pessoas cuja faixa etária, à época, se encontrava de 17 a 30 anos, e todos os missivistas cujas cartas foram investigadas ou cursavam a graduação, ou já a tinham finalizado e, neste caso, estavam ligados à universidade pela pós-graduação.

É necessário, no entanto, tecermos um comentário sobre a extensão dos chats e das cartas que observamos. Apesar de termos analisado mais cartas (41) do que chats (17), a amostra de cartas pessoais é composta por produções mais curtas do que a amostra de chats. Entre as interações realizadas pelo Messenger, conforme transcritas para o programa Microsoft Word, deparamo-nos com chats cuja extensão ia de seis laudas até 40 laudas, e apenas seis interações por chat tinham menos de 10 laudas. Já em relação ao *corpus* de cartas pessoais, nós as analisamos conforme originalmente produzidas, disponíveis para nós após terem sido digitalizadas como imagem. Entre as 41 missivas observadas, encontramos uma carta com cinco laudas; duas cartas com quatro laudas; quatro cartas com três laudas; e todas as demais missivas (34) tinham entre uma e duas laudas. Além disso, nos chats privados um mesmo tópico tende a permanecer no discurso por mais tempo, visto que as interações, de modo geral, ocorrem de modo síncrono, o que facilita aos interlocutores fazerem mais intervenções acerca de um mesmo assunto. Nas cartas pessoais, por sua vez, a alternância entre tópicos se nota com maior frequência, visto que o missivista se vale da mesma carta para apresentar, perguntar ou atualizar o seu interlocutor sobre diferentes assuntos. Disso, como se verá adiante, decorrerá termos encontrado menos dados de objeto direto de 3ª pessoa na amostra de cartas do que na amostra de chats.

Desse modo, comparamos dois *corpora* característicos da escrita informal em dois períodos distintos, mas relativamente próximos: de um lado, uma amostra de chats privados, representantes da escrita digital, de uma época em que a internet, já mais popularizada, se apresenta como um dos principais meios de comunicação entre pessoas que estão em locais distintos; e, de outro lado, um *corpus* de cartas pessoais, representativas de um período em que o acesso à internet, se possível, ainda era extremamente limitado e mesmo as ligações telefônicas, apesar de bastante comuns, poderiam ser onerosas, especialmente as internacionais. Acreditamos, então, que a comparação entre estas amostras pode nos oferecer um panorama representativo da evolução da escrita informal na passagem do século XX para o século XXI; pode ainda, com base em aspectos da sintaxe do português, apresentar evidências acerca da semelhança entre os textos informais produzidos na internet e aqueles típicos da modalidade

oral – uma semelhança muitas vezes assumida por pressuposição, mas não constatada empiricamente.

Assim, interessa-nos identificar o grau de proximidade entre cada um desses gêneros discursivos e interações típicas da modalidade oral do português brasileiro. Faremos isso a partir da variação do objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica. Logo, índices mais altos de anáfora zero nos gêneros discursivos analisados tendem a aproximá-los de produções características do PB falado, ao passo que percentuais mais expressivos do clítico acusativo indicam maior distanciamento do PB oral, visto que esta variante costuma ser encontrada com maior frequência em dados típicos da escrita mais monitorada.

Para empreender esta investigação, primeiramente identificamos os contextos propícios à alternância entre as quatro variantes do OD de 3ª pessoa já apontadas anteriormente: anáfora zero, sintagma nominal anafórico, pronome pleno e clítico acusativo – com um olhar voltado sobretudo para a anáfora zero e para o clítico acusativo, por serem as variantes cujos percentuais tendem a se diferenciar bastante em textos típicos da fala e da escrita convencionais. A seguir, ilustram-se novamente todas as quatro variantes do OD de 3ª pessoa, a partir dos exemplos (11), (12) e (13), que já foram apresentados como (7), (8) e (9) na seção 3.1.

(11) *Participante 'N':*
[o trabalho] é sobre o que?
Participante 'R':
<u>história da morfologia</u> [...]
Participante 'N':
[a professora] num deu **história da morfologia**
Participante 'R':
no começo ela não deu **___**? (Chat privado)

(12) *Participante 'A':*
to morando n<u>um apartamento</u> aki na rua do biomédico..ja te falei né..rss... só q as meninas vão entregar **ele** p dono em dezembro [...] (Chat privado)

(13) *Missivista 'AL':*
[...] caso você resolva realmente enviar <u>a bagagem</u> pelo navio deve pedir ao comandante para tomar cuidado com ela, colocando-**a** no paiol em vez de no porão. (Carta pessoal)

A identificação dos contextos de variação nos levou a excluir três outros contextos. Detivemo-nos, pois, nos objetos diretos cujo antecedente tem valor nominal. Não analisamos, então, aqueles ODs que retomavam uma oração, tal qual exemplificado em (14) e (15). Esses contextos mostram-se correlacionados à anáfora zero, ao clítico acusativo e até mesmo a

pronomes demonstrativos (e.g., *isso* e *aquilo* – formas não controladas nesta pesquisa); em certos casos, podem licenciar SNs anafóricos, mas não se associam ao pronome pleno.

(14) *Participante 'C'*
eu sei que dá pra colocar as duas opções
eu afirmei ___
rsrsrs (Chat privado)

(15) *Missivista 'MP'*
Eu nunca falo português com ela. Mas acho que vou começar a fazê-**lo**. (Carta pessoal)

Além disso, desconsideramos estruturas sintáticas que Duarte (2015) e Duarte e Ramos (2015) denominam complexas: aquelas em que o item, apesar de marcado com acusativo, exerce função de sujeito da oração subordinada. Esses casos, ilustrados em (16) e (17), são fortemente correlacionados ao pronome pleno, que não representa propriamente um objeto direto "verdadeiro", dado o seu papel de sujeito da oração subordinada.

(16) *Participante 'C'*
n vou ficar de braços cruzados vendo **ela** seguir em frente (Chat privado)

(17) *Missivista 'HE'*
Alias, tô sendo paquerada por um deles, é esse que falei que vou ver o que acontece. Vou deixar **ele** me paquerar mais um pouco, depois eu decido. (Carta pessoal)

Por fim, não incluímos nos dados analisados aquelas ocorrências que denotam pejoratividade ou alto grau de avaliação por parte do informante – valores expressos por sintagmas nominais preenchidos. Não os consideramos, portanto, contextos propícios à variação. É o que se nota no exemplo (18).

(18) *Participante 'J'*
por isso que eu dei um chilique, dei um fora nela e na turma inteira
uhashuahsuhasa
[...]
eu tenho que enfrentar **essa mula** mesmo, e me livrar dela (Chat privado)

Após selecionarmos os dados que efetivamente integrariam a análise, nós os codificamos de acordo com três grupos de fatores que correspondem a variáveis já identificadas como influentes na expressão do OD de 3ª pessoa, em especial na ocorrência de anáfora zero.

Portanto, os dados foram codificados de acordo com estes grupos de fatores: o traço de animacidade, [+ animado] ou [– animado], nos referentes; a distância entre as menções a uma mesma entidade; e a função sintática exercida pelo antecedente, i.e., se o mesmo referente, na última menção feita a ele, também exercia a função de objeto direto ou se exercia outra função sintática.

Feitas as codificações, desejávamos verificar a influência de cada fator sobre a expressão da anáfora zero, por ser a variante mais frequente na fala, modalidade com a qual os gêneros discursivos chat privado e carta pessoal estão sendo comparados. Assim, os dados foram submetidos a rodadas no pacote de tratamento estatístico GOLDVARB 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), e assumimos a anáfora zero como aplicação da regra variável. Dessa maneira, todos os resultados apresentados no próximo capítulo referem-se à expressão desta variante, em contraste com as demais – exceto quando devidamente apontado.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Dedicamo-nos neste capítulo ao detalhamento da análise dos dados, a partir do tratamento estatístico ao qual foram submetidos no programa GOLDVARB 2001. Cabe aqui reiterarmos que todos os grupos de fatores discutidos abaixo já foram atestados como influentes na expressão da anáfora zero em dados do português brasileiro oral, conforme apresentado na seção 3.1. Desse modo, primeiro detalharemos a distribuição geral das variantes nas amostras de chats privados e cartas pessoais (seção 5.1). Em seguida, discutiremos a relevância das variáveis animacidade (5.2), distância referencial (5.3) e função sintática do antecedente (5.4) sobre a realização da anáfora zero. Ao fim do capítulo, sistematizamos uma discussão a partir de todos os resultados apresentados (5.5), tendo em vista a comparação entre chats privados, cartas pessoais e produções típicas da fala brasileira.

5.1. Distribuição geral das variantes

Em ambas as amostras analisadas, foram encontradas ocorrências das quatro variantes do objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica. Nos exemplos (19) e (20), estão ilustrados dados de anáfora zero; em (21) e (22), ocorrências de sintagma nominal anafórico; em (23) e (24), casos nos quais se notam pronomes plenos; e, em (25) e (26), excertos com clítico acusativo.

(19) *Participante 'H':*
vou levar <u>seu livro</u> tá?
Participante 'P':
pode deixar ___ com vc, segunda eu pego ___! (Chat privado)

(20) *Missivista 'AD':*
[...] amanhã vou tirar <u>fotos</u> para mandar ___ pra vocês (Carta pessoal)

(21) *Participante 'R':*
não estava nem um pouco animada p assistir a<u>o show da Sandy</u>
Participante 'J':
não acredito q vcperdeu **o show da Sandy**..haha (Chat privado)

(22) *Missivista 'AL':*
O melhor de tudo é que vou apresentar <u>uma comunicação</u> lá. Tive um trabalho louco para escrever **a tal comunicação**, mas agora que está pronta, estou bastante entusiasmada. (Carta pessoal)

(23) *Participante 'A':*

chamei uma amiga q nao é crente
não sei ainda se ela vai
mas seria muito bom passar c vcs
poderia me ajudar a enturmar **ela** (Chat privado)

(24) *Missivista 'MP':*

De manhã topei com uma turista perdida no Leme querendo saber que condução tomar para ir ver o Botafogo Bay – confesso que demorei para entender mas botei **ela** num ônibus e ela foi toda animada [...] (Carta pessoal)

(25) *Participante 'O':*

o wally me viu.. ele foi à mostra de dança da minha igreja e disse que foi tudo lindo e tal.. era tanta gente que eu não **o** vi [...](Chat privado)

(26) *Missivista 'CT':*

Muito obrigada pelo nº do telef. dos Bombeiros mas não foi necessário usá **lo** (Carta pessoal)

Começaremos a nossa análise pela observação dos dados de chats privados. Nessa amostra, a anáfora zero destacou-se como variante amplamente mais frequente, devido à sua ocorrência em 77% do total de dados. A ela, seguem-se o SN anafórico (13%), o pronome pleno (5%) e o clítico acusativo (5%), conforme sistematizado na tabela 1.

Variante	Apl./Total	%
Anáfora zero	189 / 245	**77%**
SN anafórico	33 / 245	13%
Pronome pleno	11 / 245	5%
Clítico acusativo	12 / 245	**5%**
Total	245	100%

Tabela 1: Distribuição geral das variantes do OD de 3ª pessoa em *chats privados*.

A distribuição dos dados de OD de 3ª pessoa nos chats os aproxima de textos característicos da modalidade oral do português brasileiro. Afinal, a literatura sociolinguística sobre o PB evidencia que, na fala, a anáfora zero é a variante mais encontrada, ao contrário do clítico acusativo, que, por sua vez, se mostra presente em determinados textos escritos, mas, na modalidade oral, se observa apenas com baixos índices ou completamente ausente.

Não conseguimos encontrar pesquisas recentes que tenham se debruçado sobre a variação do OD de 3ª pessoa em dados da fala carioca universitária mais próximos de 2012 – ano de registro das interações por chat que analisamos. Então, a fim de compararmos os percentuais das variantes de OD de 3ª pessoa em chats e na fala, revisitaremos a análise feita

por nós em Pinheiro (2016). Nesse trabalho, investigamos a expressão do OD de 3ª pessoa em entrevistas orais gravadas em 2006 com jovens cariocas de baixa escolaridade, internos em regime socioeducativo. Note-se, pois, que há significativa diferença no perfil social dos informantes: os jovens entrevistados em 2006, além de terem baixa escolaridade, estavam privados de livre circulação social; já os participantes dos chats aqui estudados, quando da coleta dos dados, eram universitários que, por sua vez, gozavam de liberdade. Entretanto, mesmo com esta importante diferença em termos de acesso à cultura de prestígio, há uma observação que nos parece relevante ao compararmos os resultados encontrados: nos chats, o índice de anáfora zero (77%) excede o percentual desta variante na fala dos jovens em situação de vulnerabilidade social (53%). Trata-se de uma diferença de 24%, o que a torna considerável.

Na verdade, os percentuais encontrados para o chat no Messenger ainda se aproximam daqueles observados na nossa análise de dados de WhatsApp (PINHEIRO, 2017b), também entre jovens universitários, mesmo que de diferentes regiões brasileiras. Em tal investigação, encontramos predominância de anáfora zero (64,2%), seguida de SN anafórico (25%), pronome pleno (10%) e apenas dois dados de clítico acusativo (0,8%).

O gráfico 1 abaixo sistematiza as distribuições dos dados coletados nestes *corpora*. Notamos, pois, que as interações por chat – sejam pelo Messenger, sejam pelo WhatsApp – podem favorecer a anáfora zero ainda mais do que determinadas interações orais. Reiteramos que as amostras comparadas referem-se, de um lado, à fala de jovens de baixa escolaridade, em situação de vulnerabilidade social, e, de outro, à escrita digital entre jovens universitários. Nessa comparação, é na escrita informal pela *Web* entre os jovens com maior grau de escolaridade que a anáfora zero – considerada a variante mais frequente no PB falado como um todo – se apresenta em percentuais mais altos. Quanto ao uso da anáfora zero nos chats, parece-nos, pois, que a escolaridade das pessoas não é fator determinante.

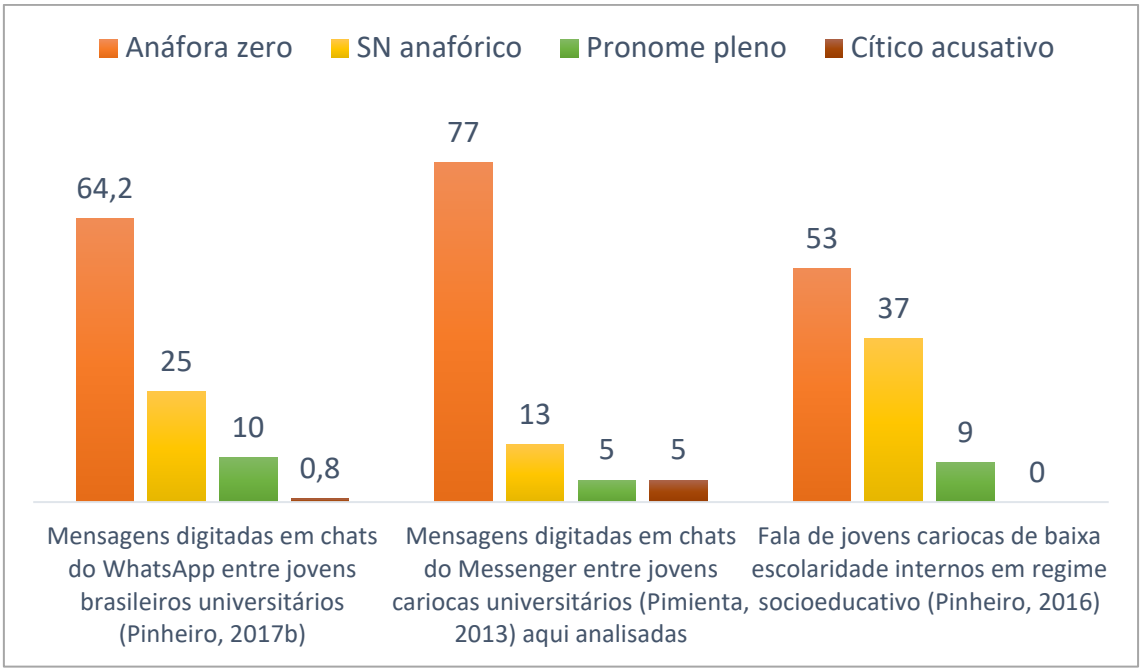

Gráfico 1: A expressão do OD de 3ª pessoa entre jovens universitários em *chats do Messenger*, em *chats do WhatsApp* e a sua expressão na fala de jovens cariocas em situação de vulnerabilidade social (%).

Em relação à amostra de cartas pessoais, observamos outra distribuição geral das variantes, segundo nos mostra a tabela 2. Nas cartas, a anáfora zero também foi a variante mais frequente (43%), seguida de perto, porém, pelo clítico acusativo (38%), com apenas 5% de diferença entre elas. A variante SN anafórico (17%) também se fez presente. Houve, no entanto, apenas duas ocorrências (2%) de pronome pleno, variante fortemente combatida pela pressão escolar sobretudo na modalidade escrita. Chamamos atenção ainda para o baixo número de dados de OD de 3ª pessoa na amostra de cartas pessoais. Isso se deve, conforme apresentado no capítulo 4, à menor extensão das cartas – em comparação com a quantidade de laudas dos chats – e ao fato de que, nas missivas, se notou frequente alternância entre assuntos, o que desfavorece a ocorrência de ODs de 3ª pessoa em referência anafórica.

Variante	Apl./Total	%
Anáfora zero	42 / 98	**43%**
SN anafórico	17 / 98	17%
Pronome pleno	2 / 98	2%
Clítico acusativo	37 / 98	**38%**
Total	98	100%

Tabela 2: Distribuição geral das variantes do OD de 3ª pessoa em *cartas pessoais*.

Por um lado, os dados de cartas pessoais apresentam forte relação com os textos típicos do PB escrito, graças ao índice de clítico acusativo verificado (38%). Afinal, é em contextos da

modalidade escrita que esta variante tende a sobreviver, especialmente devido ao seu resgate pela atuação escolar. Por outro lado, chama-nos a atenção o percentual de anáfora zero depreendido da análise de cartas (43%), ainda superior ao índice de clítico acusativo.

Devemos agora nos voltar ao PB oral. Retomemos, pois, o trabalho de Duarte e Freire (2014) mencionado na seção 3.1 desta dissertação. Ao analisarem textos jornalísticos cariocas, publicados no interstício de 1995 e 2004, Duarte e Freire (*op. cit.*) encontraram predominância do clítico acusativo (57%), seguido de 27% de objeto nulo. Já em entrevistas sociolinguísticas orais com indivíduos cultos do Rio de Janeiro, feitas no início dos anos 1990, os pesquisadores observaram predominância da variante nula (59%) e baixo índice do clítico acusativo (3%).

Quanto ao clítico, é evidente que a sua frequência nas cartas (38%) se aproxima mais daquela encontrada nos textos jornalísticos escritos (57%), do que nas entrevistas orais (3%). No entanto, com especial atenção aos percentuais de anáfora zero, vemos que o índice desta variante nas cartas (43%) se distancia em 16% dos seus índices tanto em dados da fala (59%), quanto em dados da escrita (27%). Isto se observa no gráfico 2 abaixo. Assim, as cartas pessoais parecem ocupar posição intermediária entre o PB falado e o PB escrito.

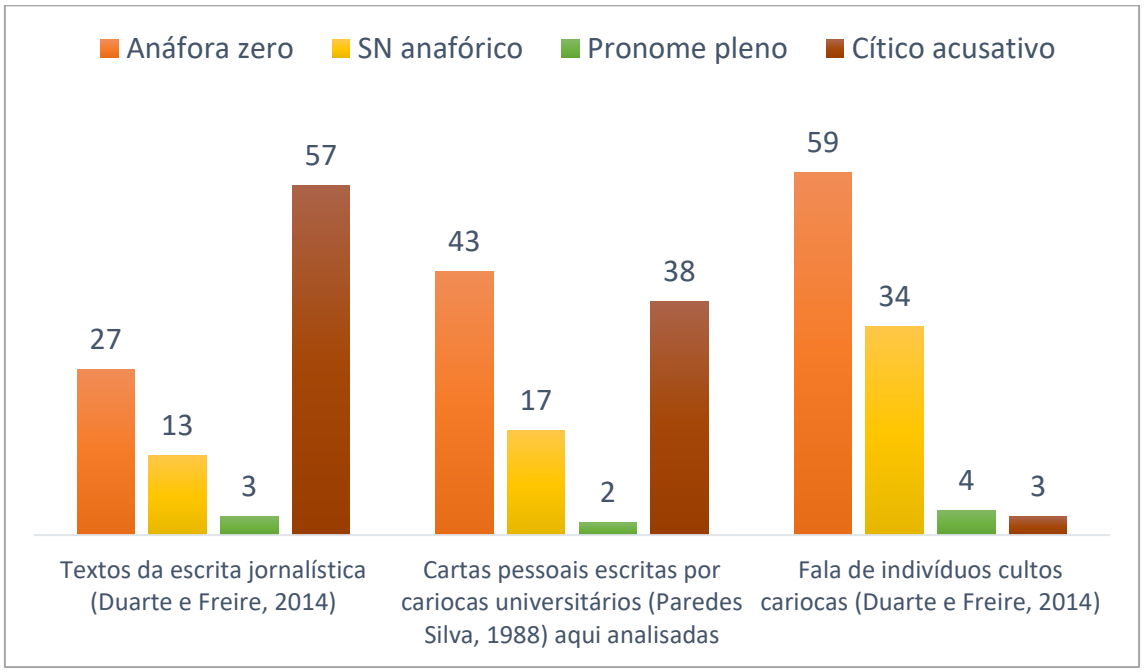

Gráfico 2: A expressão do OD de 3ª pessoa em *cartas pessoais* escritas por cariocas universitários, na escrita jornalística carioca e na fala de indivíduos cariocas cultos (%).

Antes de nos voltarmos à influência dos fatores sobre a expressão da anáfora zero, comentaremos brevemente sobre os clíticos encontrados nas nossas amostras.

Dos 12 clíticos acusativos encontrados nos chats, 7 ocorreram em ênclise (58%) e 5, em próclise (42%). Todos os 7 clíticos em ênclise estão ligados a verbos no infinitivo, ao contrário dos 5 dados desta variante em próclise, todos ligados a verbos em formas finitas. Algo semelhante se observou nas cartas. Das 37 ocorrências de clítico acusativo neste gênero discursivo, 24 se realizaram em posição enclítica (65%) e, destas, apenas uma, exemplificada em (29), se ligou a um verbo em forma finita; todos os demais 23 dados de clítico em ênclise se sucederam a verbos no infinitivo.

(27) *Participante 'O'*
meu irmão tava chorando muito
teve um problema na escola
[...]
daí amanha eu tenho que ficar em casa pra ajudá-**lo** (Chat privado)

(28) *Missivista MP*
Quanto ao C. Hart, "A Concordance to F. W.", eu segui tuas instruções. Mas veja só: A livraria que vai (ou iria) encomendá-**lo** quer, além do do seu preço de U$35, quer então que eu pague 60% a mais do valor do livro em dólares [...]. (Carta pessoal)

(29) *Missivista AD (único dado de ênclise sem infinitivo)*
Ela adora brincar com meu chinelo rosa, Calça-**o** e fica andando pra lá e pra cá. (Carta pessoal)

Quanto às 13 ocorrências de clítico acusativo em próclise, nenhuma delas se ligou a um verbo na sua forma de infinitivo. Vejam-se, pois, os exemplos abaixo.

(30) *Participante 'S'*
Rapaz do bacharelado, fez algumas viagens de orientação com a equipe
Participante 'R'
vc **o** encontra sempre? (Chat privado)

(31) *Missivista RO*
Está tudo sob controle por aí? Tenho certeza que sim e seu irmãozinho? Você **o** entende? Pois é... (Carta pessoal)

5.2. Animacidade

Como discutido anteriormente, o grupo de fatores animacidade é um dos mais estudados na variação do objeto direto de 3ª pessoa, devido ao seu conhecido favorecimento da anáfora

zero. Os resultados encontrados por nós nesta investigação corroboram o que está apresentado na literatura.

Na análise dos chats, a variável animacidade foi a primeira selecionada pelo pacote GOLDVARB 2001. Tal qual esperado, o traço [– animado] nos referentes favoreceu a ocorrência da anáfora zero em 83% dos dados, com um peso relativo (P.R.) de .57. Isto está ilustrado pelos exemplos (32) e (33), que trazem, respectivamente, uma anáfora zero retomando o referente "uma foto", de traço [– animado], e um pronome pleno recuperando "ele", em referência a um rapaz sobre o qual 'N' e 'M' discutiam.

(32) *Participante 'J'*
ta loiraa?!
posta uma foto aí
Participante 'R'
daqui a pouco eu posto ___ (Chat privado)

(33) *Participante 'N'*
acho que ele desistiu de mim
hahaha
Participante 'M'
demora mto vc
Participante 'N'
eu nao quero pegar **ele** nao (Chat privado)

A tabela 3, abaixo, expõe este resultado.

Animacidade	Apl./Total	%	P.R.
[– animado]	173 / 207	83%	.57
[+ animado]	16 / 38	42%	.16
Total	189 / 245	77%	

Tabela 3: Influência da variável *animacidade* sobre a expressão da anáfora zero em *chats privados*. *(Selecionada. Significância = 0.000.)*

Para as cartas, por sua vez, a variável animacidade não pôde participar das rodadas de análise estatística multifatorial, visto que todas as 42 ocorrências de anáfora zero se referiam a entidades de traço [– animado]. Não houve, portanto, sequer um dado de anáfora zero em referência a entidades de traço [+ animado], conforme exemplificado em (34) e (35). Por essa razão, apresentamos na tabela 4 apenas os percentuais e os números brutos relativos às ocorrências de anáfora zero correlacionadas à animacidade.

(34) *Missivista ZI*

Mande <u>copias de todas aquelas fotos</u> pois eu mandei ___ pra ele e fiquei sem nenhuma. (Carta pessoal)

(35) *Missivista ZI*

Mesmo indo as vezes dormir na casa de <u>amigas</u> ou trazendo **amigas** para dormir aqui [...]. (Carta pessoal)

Animacidade	Apl./Total	%
[– animado]	42 / 81	51%
[+ animado]	0 / 17	0%
Total	42 / 98	43%

Tabela 4: Influência da variável *animacidade* sobre a expressão da anáfora zero em *cartas pessoais*.

Desse modo, no que tange à influência da variável animacidade sobre o emprego da anáfora zero, os resultados observados tanto para os chats, quanto para as cartas se mostram de acordo com o que já se conhece: há forte tendência de o traço [– animado] favorecer o uso desta variante.

5.3. Distância referencial

A variável aqui denominada distância referencial corresponde ao cálculo da distância entre duas diferentes menções feitas a um só referente. Contudo, para apresentarmos os resultados sobre esta variável, precisamos primeiramente tecer um comentário acerca da maneira como calculamos a distância na amostra de chats.[18]

Paredes Silva (2016, p. 191) indica que a distância referencial na escrita é "medida através do número de *orações* que separa a menção de um referente de sua menção prévia no texto" (grifo nosso). Entretanto, com base na nossa análise de interações por chat, devemos reconhecer que outros elementos, apesar de não constituírem propriamente orações, correspondem a unidades que, em certa medida, trazem informações completas. Assim, devem também ser considerados na contabilização da distância. Veja-se, portanto, o exemplo (36).

[18] Quando da produção dos dados, ainda não estava disponível o recurso de citação. Esta funcionalidade permite que se identifique qual mensagem está sendo respondida – o que pode levantar novas questões para a contabilização das distâncias.

(36) *Participante 'I'*
me mandou msg ontem?
Participante 'H'
MANDEI
Participante 'I'
ihhh
respostinha mal criada
haha
eu nao recebi ___ (Chat privado)

Neste excerto da interação entre 'I' e 'H', discute-se o envio de uma mensagem, mencionada por 'I' no início deste trecho e novamente retomada ao seu término. Se contabilizarmos a distância entre as menções apenas em termos das orações que há entre elas, veremos que a menção inicial ("me mandou msg ontem") se apresenta duas orações antes da referência final à mensagem discutida ("eu nao recebi ___"), pois entre elas se nota apenas "MANDEI". Julgamos, porém, que esta contagem não seria adequada para uma interação desta natureza. Antes da sua oração final, 'I' registra por escrito três informações, que podemos distinguir pela quebra de linhas, quais sejam: (i) "ihhh", (ii) "respostinha mal criada" e (iii) "haha". Cada uma delas, a nosso ver, indica um posicionamento bastante específico e, de certo modo, completo. De início, "ihhh" representa um estranhamento; "respostinha mal criada" demonstra repreensão a 'H' pela resposta oferecida; e "haha" provavelmente indica que este descontentamento era apenas brincadeira.

Parece-nos que estas três unidades escritas por 'I' correspondem ao que podemos denominar *unidades enunciativas*. Dentro do enunciado, tais unidades são facilmente segmentáveis, tanto que foram realizadas em mensagens separadas, conforme indicado pela mudança de linha. Para os chats, Rojo e Barbosa (2015) ressaltam a importância do clique em "enviar" ou "*enter*", que resulta em uma nova mensagem e, assim, indica uma interrupção, ainda que temporária, ao raciocínio apresentado.

Portanto, para a aferição de distância referencial, esta foi contabilizada em termos de unidades enunciativas, que, na nossa análise, correspondem tanto a orações no sentido tradicional do termo, quanto a outros elementos que indicam um posicionamento específico e, nas mensagens em questão, ficam nitidamente demarcados no envio das mensagens, tal qual exemplificado em (14). No entanto, para facilitar a referência, agruparemos todas as unidades enunciativas contabilizadas sob a denominação de *oração*.

Contudo, há outra observação que precisa ser feita, dada a natureza dos bate-papos. O exemplo (37) a seguir corresponde a um longo trecho da conversa entre as interlocutoras 'B' e

‘D’, que discutem, imbricadamente, sobre três assuntos: (i) uma palestra; (ii) um livro; e (iii) experiências profissionais. Assim, mesclam esses assuntos apesar dos tópicos intervenientes. Neste exemplo, há diversas ocorrências de objeto direto relevantes para a nossa análise; elas se referem (i) à palestra ou (ii) ao livro. As menções iniciais – ou retomadas que não exerçam função acusativa – estão sublinhadas; os dados efetivamente contabilizados na análise, i.e., ODs de 3ª pessoa em referência anafórica estão em negrito e, no caso de objetos nulos, se apresentam apenas com uma linha em branco. Todas as ocorrências estão numeradas de acordo com o assunto ao qual se referem.

(37) *Participante ‘B’*
(10 de abril, 10:15)
(i) A palestra do Freitas é sem ser semana que vem a outra.
Confirmadíssimo :*
Participante ‘D’
(10 de abril, 11:13)
Confirmado tb!!
Estou com (ii) um livro aqui: Professor pesquisador - Introdução à pesquisa qualitativa da Stella Maris Bortoni-Ricardo. Eu comprei **(ii) ___** para o Pibid pois as coordenadoras usaram **(ii) ___** ano passado. Só que como eu pedi o desligamento do projeto e já li **(ii) o livro** todo rs dai lembrei de você. Vc tá afim de comprar **(ii) ___** de mim:? Eu te passo **(ii) ___** barato. Comprei **(ii) ___** por 25,00 reais. Se vc estiver interessada, eu te vendo **(ii) ___** bem mais barato
Participante ‘B’
(10 de abril, 18:52)
Se vc não quiser **(ii) ___** mais eu vou querer **(ii) ___** sim.
Esse preço q vc comprou **(ii) ___** tá bom, não precisa ser mt mais barato q isso não. Obrigada :)
Saiu do pibid tem mt tempo? Eu pretendo ficar até o fim do contrato em agosto, e se for renovado eu acho q fico também. Tem uns fatores negativos, tipo a falta de espaço na escola para ficarmos com alunos e também o contra-turno que não dá mt certo, mas no geral tá sendo bom pra mim. Semana passada teve a visita técnica ao museu da lingua portuguesa, acho q falei ctg ano passado dessa visita, mas só foi concretizado esse ano.. rsrs.
Ah, agora que eu fui reparar que dia 23 é feriado.. será que (i) essa palestra vai acontecer assim mesmo?
Participante ‘D’
(14 de abril, 11:33)
Bom dia,
Eu já li **(ii) o livro** e estou sem espaço para guardar **(ii) ___**. Só estou guardando mesmo os de literatura e as criticas literárias e alguns outros...
Eu sai lá do Pibid, pois surgiu uma outra oportunidade.Irei estagiar no instituto de musica cravo albin. Já entreguei os documentos e estou esperando a Faperj liberar a bolsa. Lá no Pibid, as coordenadoras são muito

enjoadas. Tudo tem que ser do jeito dela. E elas não se importam conosco, por exemplo, teve em Uberaba um evento do Pibid agora em Abril. Só que elas nem se interessou em levar os licenciandos. Ela queria que a gente pagasse a nossa passagem e hospedagem. Um absurdo né?. Eu me recusei e disse que o pibid e a Ufrj tem verba exclusiva para isso.

Participante 'B'
(14 de abril, 12:39)

Trabalhar assim não é mt bom mesmo não :/
E o projeto tem verba pra evento sim! É só elas fazerem uns relatórios a mais solicitando.. não deviam querer ter esse trabalho.. pena.
Mas essa estágio q vc falou aprece bem interessante! Acho q vc vai gostar mais :)
Deve ser até melhor q o pibid.
Vou confirmar se eles vãoa diar **(i)** ___ e te falo. Se souber de algo, me avisa. bjs (Chat privado)

'B', no seu primeiro turno, menciona uma palestra, cuja referência está sinalizada por (i). 'D', na sua resposta, introduz um novo assunto: um livro que ela gostaria de vender, e faz diversas menções a ele ao longo do seu primeiro turno, ao qual 'B' também responde, retomando-o. Todas as referências ao livro estão indicadas com (ii). Estas menções estão relativamente próximas umas às outras, visto que todo este trecho da interação é dedicado ao mesmo assunto: o livro. Logo, não é surpreendente que todas essas retomadas ocorram por meio da anáfora zero. No entanto, 'B', no seu segundo turno, traz como central um tópico que era até então secundário: experiências profissionais. Porém, antes de encerrar este seu turno, 'B' retoma a palestra – conforme indicado por (i) – que ela mesma havia mencionado nas suas primeiras mensagens, transcritas no início do exemplo. Ao responder, dias depois, 'D' inicialmente retoma a discussão sobre a venda do livro, valendo-se, primeiro, de um sintagma nominal anafórico e, em seguida, de uma anáfora zero; dá prosseguimento ao assunto sobre experiências profissionais; mas não menciona a palestra. Apenas na última mensagem de 'B', no último turno desta interlocutora, é que a palestra será retomada – e, surpreendentemente, 'B' o faz por meio de uma anáfora zero, mesmo que haja inúmeras orações entre esta menção à palestra e a última referência feita a ela.

Desse modo, julgamos pertinente adequar a contagem de distância referencial à sequência de tópicos pela qual a interação se desenvolve. Ressaltamos, pois, que a contabilização da distância referencial não deve ser estritamente mecânica e, assim, ao invés de contabilizarmos a distância em termos lineares, contamos as orações dentro de um determinado recorte tópico. Apenas para ilustrar esta abordagem, rearranjamos abaixo o exemplo (37), de tal modo que as mensagens estejam agrupadas com base nos assuntos discutidos.

(37) **(i) A palestra**

Participante 'B'

A palestra do Freitas é sem ser semana que vem a outra.
Confirmadíssimo :*

Participante 'D'

Confirmado tb!!

Participante 'B'

Ah, agora que eu fui reparar que dia 23 é feriado.. será que (i) essa palestra vai acontecer assim mesmo?
[...]
Vou confirmar se eles vãoa diar ___ e te falo. Se souber de algo, me avisa. bjs

(37) **(ii) O livro**

Participante 'D'

Estou com (ii) um livro aqui: Professor pesquisador - Introdução à pesquisa qualitativa da Stella Maris Bortoni-Ricardo. Eu comprei ___ para o Pibid pois as coordenadoras usaram ___ ano passado. Só que como eu pedi o desligamento do projeto e já li **o livro** todo rs dai lembrei de você. Vc tá afim de comprar ___ de mim:? Eu te passo ___ barato. Comprei ___ por 25,00 reais. Se vc estiver interessada, eu te vendo ___ bem mais barato

Participante 'B'

Se vc não quiser ___ mais eu vou querer ___ sim.
Esse preço q vc comprou ___ tá bom, não precisa ser mt mais barato q isso não. Obrigada :)

Participante 'D'

Bom dia,
Eu já li **o livro** e estou sem espaço para guardar ___. Só estou guardando mesmo os de literatura e as criticas literárias e alguns outros...

(37) **(iii) Experiência profissional**

Participante 'B'

Saiu do pibid tem mt tempo? Eu pretendo ficar até o fim do contrato em agosto, e se for renovado eu acho q fico também. Tem uns fatores negativos, tipo a falta de espaço na escola para ficarmos com alunos e também o contra-turno que não dá mt certo, mas no geral tá sendo bom pra mim. Semana passada teve a visita técnica ao museu da lingua portuguesa, acho q falei ctg ano passado dessa visita, mas só foi concretizado esse ano.. rsrs.

Participante 'D'

Eu sai lá do Pibid, pois surgiu uma outra oportunidade.Irei estagiar no instituto de musica cravo albin. Já entreguei os documentos e estou esperando a Faperj liberar a bolsa. Lá no Pibid, as coordenadoras são muito enjoadas. Tudo tem que ser do jeito dela. E elas não se importam conosco, por exemplo, teve em Uberaba um evento do Pibid agora em Abril. Só que elas nem se interessou em levar os licenciandos. Ela queria que a gente

pagasse a nossa passagem e hospedagem. Um absurdo né?. Eu me recusei e disse que o pibid e a Ufrj tem verba exclusiva para isso.

Participante 'B'

Trabalhar assim não é mt bom mesmo não :/
E o projeto tem verba pra evento sim! É só elas fazerem uns relatórios a mais solicitando.. não deviam querer ter esse trabalho.. pena.
Mas essa estágio q vc falou aprece bem interessante! Acho q vc vai gostar mais :)
Deve ser até melhor q o pibid.

Parece-nos, desta maneira, que a distância entre menções distintas a referentes iguais pode ser contabilizada de modo mais apropriado, dentro de um determinado grupo tópico. Precisamos, no entanto, destacar que estas discussões imbricadas sobre tópicos distintos só são possíveis porque, como apontado por Herring e Androutsopoulos (2015), as mensagens trocadas no Messenger ficam registradas e, assim, podem ser facilmente acessadas a qualquer momento. Por essa razão, é possível que a interlocutora 'B' se valha de uma anáfora zero para retomar a palestra, mesmo que, em termos lineares, a última menção a esta palestra tenha ocorrido inúmeras orações antes. Podemos, enfim, apresentar os resultados relativos a esta variável.

Para os chats, inicialmente encontramos a distribuição dos dados conforme representada na tabela 5.

Distância	**Apl./Total**	**%**
Oração anterior	89 / 101	88%
2 orações	40 / 49	81%
3 orações	20 / 32	62%
4 orações	12 / 18	66%
5 orações	12 / 18	66%
6 orações	6 / 8	75%
7 orações	3 / 4	75%
8 orações	0 / 1	0%
9 orações	1 / 2	50%
10 orações	6 / 12	50%
Total	189 / 245	77%

Tabela 5: Influência da variável *distância referencial* sobre a expressão da anáfora zero em *chats privados*.

Esta tabela nos mostra que a maioria dos dados se concentra nos contextos em que há menores distâncias referenciais. De uma oração de distância para o grau imediatamente seguinte, o número bruto das ocorrências decai aproximadamente pela metade, de 101 para 49. De três orações de distância em diante, os números seguem em decréscimo, com menos de 10

dados para cada um dos fatores a partir de seis orações de distância. Apesar disso, é necessário destacar o fato de que, com 10 orações de distância, há mais dados do que em outros contextos com distâncias menores. Como discutido acima, acreditamos que isso se deva à possibilidade de acessar facilmente quaisquer mensagens já enviadas, deixando-as vivas na mente dos interlocutores.

Contudo, a fim de viabilizar uma rodada de análise estatística multifatorial no programa GOLDVARB 2001, foi necessário amalgamar alguns fatores. Primeiramente, juntamos aquelas ocorrências com 4 e 5 orações de distância, visto que apresentavam percentuais e números brutos idênticos. Além disso, amalgamamos todos os fatores com 6 ou mais orações de distância, dada a baixa quantidade de ocorrências encontradas nestes contextos. Após os amálgamas, alcançamos os valores registrados na tabela 6. Assim, a variável distância referencial foi selecionada pelo GOLDVARB 2001 como influente na expressão da anáfora zero em dados de chats privados, logo após a variável animacidade.

Distância	**Apl./Total**	**%**	**P.R.**
Oração anterior	89 / 101	88%	.70
2 orações	40 / 49	81%	.52
3 orações	20 / 32	62%	.29
4 ou 5 orações	24 / 36	66%	.32
6 ou mais orações	16 / 27	59%	.22
Total	189 / 245	77%	

Tabela 6: Influência da variável *distância referencial* sobre a expressão da anáfora zero em *chats privados* após amálgamas dos fatores de distância. *(Selecionada. Significância = 0.000.)*

Desse modo, identificamos que os contextos nos quais a distância referencial equivale a apenas uma oração são aqueles que mais favorecem a anáfora zero, em 88% dos dados, com um peso relativo de .70, seguidos das ocorrências com duas orações de distância, em 81% dos dados (P.R. = .52). Assim, quanto mais próxima uma menção está do seu antecedente, maior é probabilidade de esta retomada ocorrer por meio da anáfora zero. Observe-se ainda que há uma considerável diferença de tendência à anáfora zero na passagem do primeiro fator (oração anterior) para o segundo (2 orações), com uma diferença de .18 entre os pesos relativos. Para os graus de distância com três ou mais orações, os pesos relativos mantêm-se muito próximos e indicam baixa correlação com a variante anáfora zero.

Isto se ilustra pelo exemplo (38). Nele, a primeira retomada ao referente "esse contraste" se expressa por um SN anafórico ("o contraste"), dada a relativa distância entre essas menções.

Por outro lado, a segunda retomada ao mesmo referente ocorre por meio de uma anáfora zero, situada na oração imediatamente posterior à sua última menção.

(38) *Participante 'L'*
Deu pra entender mesmo esse contraste?
pensei que ia ficar igual ao nome que ninguém enxergava
hahahaha
Participante 'F'
Eu enxerguei **o contraste**
todos vão exergar ___ (Chat privado)

Portanto, o resultado encontrado na nossa amostra de chats corrobora o princípio da iconicidade postulado por Givón (1991), sobretudo no seu subprincípio da quantidade: informações mais previsíveis tendem a receber menor codificação na língua. Além disso, as interações pelo Messenger reiteram o uso da anáfora zero como a estratégia linguística que indica o grau mais alto na escala de continuidade – ou predizibilidade – tópica (GIVÓN, 1983).

Em relação ao *corpus* de cartas pessoais, houve maior equilíbrio entre as variantes anáfora zero e clítico acusativo nos contextos com apenas uma oração de distância: a anáfora zero foi contabilizada em 50% dos dados, e o clítico acusativo, em 42%, conforme ilustrado nos exemplos (39) e (40).

(39) *Missivista JC*
Adorei o Artefato. Não conhecia ___ e nem tinha idéia de que existisse uma revista do Conselho Estadual de Cultura. (Carta pessoal)

(40) *Missivista AL*
Minha tese agora parece que sai mesmo. Já fiz as revisões pedidas em quatro capítulos. Falta pouco para terminar ___. Eu gostaria de defendê-**la** em agosto. Mas acho um pouco difícil. (Carta pessoal)

Com duas ou mais orações de distância, rapidamente decai o número total de ocorrências de OD de 3ª pessoa, de tal modo que os dados se tornam muito esparsos. Na verdade, mais da metade de todas as ocorrências de OD (57%) se concentra nos contextos com uma oração de distância. Estes casos, somados àqueles com duas orações de distância, apresentam 85% do total de dados de OD de 3ª pessoa. Assim, apenas 15% das ocorrências se distribui pelos contextos com três ou mais orações de distância. Por essa razão, amalgamamos os fatores correspondentes às distâncias referenciais iguais ou maiores que três orações. Os resultados estão apresentados na tabela 7.

Distância	Apl./Total	%	P.R.
Oração anterior	28 / 56	50%	.58
2 orações	11 / 27	40%	.48
3 ou mais orações	3 / 15	20%	.25
Total	42 / 98	43%	

Tabela 7: Influência da variável *distância referencial* sobre a expressão da anáfora zero em *cartas pessoais*.
(Não selecionado. Significância = 0.096.)

Note-se que menções mais próximas, sobretudo na oração imediatamente anterior, parecem favorecer a anáfora zero. Apesar disso, este grupo de fatores não foi selecionado na rodada de tratamento estatístico. Lembremo-nos, no entanto, de que a diferença percentual entre anáfora zero (50%) e clítico acusativo (42%) nos contextos com uma oração de distância foi de apenas 8%. Além disso, reduz-se significativamente o número de dados para os demais fatores de distância. Justifica-se, pois, o fato de que os pesos relativos não apontam para um favorecimento expressivo à anáfora zero: a diferença entre os contextos com uma oração e duas orações de distância é de .10. Disso decorre este grupo de fatores não ter sido selecionado pelo programa GOLDVARB 2001 para as cartas pessoais, com a anáfora zero como aplicação da regra.

Entretanto, ao juntarmos as variantes anáfora zero e clítico acusativo, o cenário se altera. Assim, o grupo de fatores relativo à distância referencial foi considerado como influente para a expressão do objeto nulo e do clítico, considerados conjuntamente. É o que nos mostra a tabela 8. Nela, indica-se que a menção a um referente recuperável da oração imediatamente anterior tende a favorecer tanto a anáfora zero, quanto o clítico acusativo, em 92% do total de dados, com um peso relativo de .70. Note-se também a polarização dos pesos relativos para cada um dos graus de distância referencial contabilizados.

Distância	Apl./Total	%	P.R.
Oração anterior	52 / 56	92%	**.70**
2 orações	19 / 27	70%	.30
3 ou mais orações	8 / 15	53%	**.17**
Total	79 / 98	80%	

Tabela 8: Influência da variável *distância referencial* sobre a expressão da anáfora zero e do clítico acusativo em *cartas pessoais* após amálgama dos fatores de distância.
(Selecionada. Significância = 0.001.)

De certo modo, este resultado também corrobora o princípio funcionalista de iconicidade – ainda que de maneira levemente mais fraca do que nos chats. Afinal, como já dito, a anáfora zero é a estratégia linguística que, segundo Givón (1982), manifesta maior grau

de predizibilidade tópica. Além disso, o segundo maior grau de predizibilidade tópica é indicado, entre outros fatores, pelos pronomes átonos ou dependentes; este é o caso do clítico acusativo de 3ª pessoa, aqui também apontado como variante favorecida nos contextos com menor distância referencial.

5.4. Função sintática do antecedente

A última variável observada por nós neste estudo corresponde à função sintática do antecedente. Controlamos, portanto, se a última menção ao referente em questão também exercia função de objeto direto, ou se exercia outra função sintática.

O exemplo (41), retirado de um chat, mostra três menções a um mesmo rapaz. Na primeira, esse referente se apresenta em função oblíqua ("pedisse desculpas pra ele") e, em seguida, é retomado na função de objeto direto ("fiquei enrolando o menino"). Neste caso, com a mudança da função sintática, o referente recuperado se expressa por um SN anafórico. A menção seguinte, por sua vez, apresenta o mesmo referente novamente em função acusativa ("e nem peguei ___"), como o seu antecedente. Desta vez, ele é realizado por uma anáfora zero.

(41) *Participante 'R'*
queria q vc pedisse desculpas pra ele por mim
kkkkkkkkkk
Participante 'S'
Hahhaha
Participante 'R'
fiquei enrolando **o menino** e nem peguei ___ (Chat privado)

De modo semelhante, o exemplo (42), recortado de uma carta, nos mostra o referente "uma manteiga linda, amarelinha" – originalmente enunciado como objeto direto – retomado três vezes. Em todas as suas ocorrências sucessivas, essa informação também exerce função acusativa e se realiza por meio de uma anáfora zero.

(42) *Missivista HE*
Vou levar uma manteiga linda, amarelinha, pra vender ___ hoje lá na cidade. Quando alguém vier tem que avisar com um pouco de antecedência, porque aí eu não vendo ___ e vou guardando ___. (Carta pessoal)

Já o exemplo (43) nos mostra algo diferente. Faz-se menção aqui ao espetáculo de *ballet* "La File Mal Gardée", inicialmente em função oblíqua ("vai começar [...] com "La File Mal

Gardée"). No entanto, este referente é retomado em função acusativa por meio de uma anáfora zero ("Eu não conheço ___"), mesmo que o seu antecedente não desempenhe a função sintática de objeto direto.

(43) *Missivista AL*

A temporada de ballet vai começar dia 13 de abril com "La File Mal Gardée". Eu não conheço ___ mas a Flávia disse que é ótimo. (Carta pessoal)

Os resultados nos mostram que, para os chats privados, a variável função sintática do antecedente exerce influência sobre a expressão da anáfora zero, tendo sido selecionada pelo GOLDVARB 2001 após a distância referencial. Nos chats, quando a função acusativa se mantém do antecedente para a menção analisada, nota-se maior probabilidade de esta menção se realizar por meio da anáfora zero. Esta variante foi encontrada em 87% dos casos em que a função de objeto direto se mantém, com peso relativo de .59, conforme registrado na tabela 9.

Função sintática do antecedente	**Apl./Total**	**%**	**P.R.**
Objeto direto	134 / 154	87%	.59
Outra função	55 / 91	60%	.35
Total	189 / 245	77%	

Tabela 9: Influência da variável *função sintática do antecedente* sobre a expressão da anáfora zero em *chats privados*.
(Selecionada. Significância = 0.012.)

Quanto às cartas, os resultados para este grupo de fatores devem ser vistos com cautela. Nesta amostra, a variável função sintática do antecedente não foi selecionada na análise estatística. A rodada no programa GOLDVARB 2001 – cujos valores estão na tabela 10 – não indicou, pelos pesos relativos, uma diferença estatística polarizada entre os casos em que a anáfora zero, em função acusativa, retoma um objeto direto (.58) e aqueles casos em que ela recupera um referente que exerce outra função sintática (.42), ao contrário do que se observou para os chats (com pesos relativos de .59 e .35, respectivamente). Por outro lado, a diferença entre os pesos relativos verificados nas cartas não é insignificante, considerando o pequeno número de dados coletados neste *corpus*, pois a diferença é maior do que .10. Em outras palavras, nas cartas pessoais, a anáfora zero parece ser parcialmente favorecida pela manutenção da função acusativa, apesar de também estar correlacionada a antecedentes em outras funções sintáticas.

Função sintática do antecedente	Apl./Total	%	P.R.
Objeto direto	25 / 49	51%	.58
Outra função	17 / 49	34%	.42
Total	42 / 98	43%	

Tabela 10: Influência da variável *função sintática do antecedente* sobre a expressão da anáfora zero em *cartas pessoais*.
(Não selecionada. Significância = 0.102.)

5.5. Discussão

Os resultados discutidos ao longo deste capítulo evidenciam que, entre chats privados e cartas pessoais, os chats tendem a se aproximar mais de textos característicos da modalidade oral do português brasileiro, considerados os períodos correspondentes.

Os bate-papos realizados pelo Messenger, em interações de jovens cariocas universitários, compartilham, pois, diversas propriedades com o PB falado, ao se tomar por base a variação do objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica. Isto se observa, por exemplo, na distribuição geral das formas variantes. Nos chats, como em textos típicos da fala brasileira, a variante mais frequente foi a anáfora zero, em 77% do total de ocorrências. Na verdade, este percentual é ainda maior do que aquele previamente observado na fala de jovens cariocas de baixa escolaridade, internos em regime socioeducativo (53%). Já em relação ao clítico acusativo – estrutura resgatada em determinados gêneros da escrita brasileira, mas bastante escassa na fala –, esta variante se registrou em apenas 5% dos dados nos chats que investigamos, o que novamente aproxima estes textos de interações típicas da modalidade oral no Brasil.

A semelhança entre chats e o PB falado pode, na verdade, ir além – ainda nos pautando pela variação do OD de 3ª pessoa. Foram focalizados três grupos de fatores quanto à sua influência na expressão da anáfora zero, variante que predomina na fala brasileira. Todos os três grupos de fatores – animacidade, distância referencial e função sintática do antecedente – foram selecionados pelo programa de tratamento estatístico GOLDVARB 2001 como influentes na expressão desta variante. Assim, a anáfora zero tende a ser favorecida pelo traço [– animado] nos referentes, por distâncias menores entre as menções e pelo fato de o seu antecedente também exercer a função sintática de objeto direto – padrões que já haviam sido previamente atestados em análises voltadas à modalidade oral do PB (e.g., OMENA, 1978; MARAFONI, 2010; PINHEIRO, 2016).

As cartas pessoais, por sua vez, demonstraram outras características. No que tange à distribuição geral das variantes do OD de 3ª pessoa, a anáfora zero e o clítico acusativo foram registrados em 43% e 38% dos dados, respectivamente. Isto nos mostra, por um lado, que as cartas investigadas compartilham traços com textos típicos da modalidade escrita do PB, visto que o clítico acusativo se manifesta em um percentual de destaque. Por outro lado, o índice de anáfora zero encontrado também é surpreendente, pois se mostra maior do que em outros gêneros discursivos característicos da escrita brasileira, o que indica maior infiltração do objeto nulo nos dados de cartas. Deste modo, em termos da distribuição das variantes, as cartas pessoais parecem ocupar uma posição intermediária entre textos típicos da fala e produções mais associadas à modalidade escrita no Brasil.

Em relação aos grupos de fatores analisados, há também importantes diferenças. A única variável que se mostrou favorecedora da anáfora zero nas cartas foi a animacidade, mais especificamente o traço [– animado] nos referentes, visto que não houve ocorrências de objeto nulo associadas a entidades com o traço [+ animado]. No que se refere à função sintática do antecedente, a anáfora zero foi parcialmente favorecida por antecedentes na função de objeto direto, mas também se mostrou correlacionada a antecedentes em outras funções sintáticas. Por fim, a distância referencial se fez notável nos dados de cartas, mas de um modo distinto: distâncias menores entre as menções a um mesmo referente não favoreceram propriamente a anáfora zero, conforme se esperaria; na verdade, a maior proximidade entre as menções favoreceu tanto a anáfora zero, quanto o clítico acusativo, combinadas estas variantes. De certo modo, isto também se associa ao subprincípio da quantidade, relativo ao princípio da iconicidade postulado por Givón (1991), segundo o qual informações mais previsíveis e, portanto, mais facilmente processadas psicologicamente tendem a ser expressas por uma porção menor de código linguístico. Afinal, a anáfora zero é considerada pelo mesmo pesquisador com a estratégia indicadora do grau mais alto de predizibilidade tópica, seguida de perto por determinados itens, entre os quais se encontram os clíticos (GIVÓN, 1983). Observe-se, porém, que, tanto nos chats, quanto em dados da fala, a anáfora zero é a única variante do OD de 3ª pessoa que se mostra favorecida pela maior proximidade referencial – o que parece indicar a atuação de outras pressões na escrita de cartas que acabam por atenuar, ainda que levemente, o efeito do princípio da iconicidade sobre estes textos. Acreditamos que sejam pressões relativas justamente à atuação escolar, principal responsável pelo resgate do clítico acusativo sobretudo em produções escritas.

Concluímos, portanto, que a escrita informal na era da internet – aqui representada pelos chats – tende a se aproximar mais dos textos característicos da fala brasileira do que a escrita informal realizada em um período anterior à popularização da internet – neste caso, ilustrada pelas cartas. Evidentemente, há vários aspectos que contribuem para isto. Entre eles, nota-se o fato de que esses gêneros representam a escrita informal em duas épocas distintas, associadas a diferentes modos de produção e a diferentes tecnologias de escrita. Além disso, a escrita em papel parece requerer maior grau de monitoramento do que a escrita digital, i.e., aquela realizada em plataformas típicas do ambiente digital. Trata-se de uma diferença pautada pelos suportes nos quais os gêneros se manifestam.[19] Observa-se ainda que o fato de as interações pela internet poderem apresentar caráter síncrono também as torna mais parecidas com a comunicação oral face-a-face, ao contrário da escrita, predominantemente assíncrona. Com o sincronismo da *Web*, vem também a demanda de se empreenderem interações ágeis que, portanto, por vezes tendem a favorecer estruturas linguísticas comumente caracterizadas como imprecisas ou fragmentárias – atributos muitas vezes relacionados a dados da fala (e.g., HERRING, 2012).

[19] Nas cartas pessoais, até a escolha do papel importa. Havia, por exemplo, blocos de papel de carta específicos para correspondências internacionais, com folhas mais leves, que não encareciam tanto o envio das cartas. Nota-se, pois, maior grau de preocupação no momento de produção de missivas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a partir da expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa, comparamos chats privados, realizados em 2012 por jovens cariocas universitários, e cartas pessoais, escritas entre 1979 e 1984 por jovens cariocas, também universitários. Para isso, pautamo-nos pela Sociolinguística Variacionista Laboviana, associada a princípios da Linguística Funcional Norte-Americana e da Análise de Gêneros. Consideramos que os gêneros discursivos aqui investigados compartilham semelhanças com textos típicos da modalidade oral dos períodos correspondentes: início do século XXI para os chats, e fim do século XX para as cartas. O nosso objetivo foi, a partir da expressão do OD de 3ª pessoa, comparar tanto os chats, quanto as cartas com dados do português brasileiro falado na época, a fim de verificar qual desses gêneros tende a apresentar maior grau de semelhança com o PB oral. Assim, com base na literatura sociolinguística sobre o fenômeno em questão, percentuais mais altos da variante anáfora zero (ou objeto nulo), ao lado de baixos índices – caso presentes – de clítico acusativo, aproximariam os textos analisados daqueles característicos da fala brasileira. Por outro lado, a predominância de clítico acusativo apontaria a sua semelhança com os textos típicos do PB escrito.

Os nossos resultados indicaram que os chats privados aqui investigados, realizados pela plataforma Messenger, tendem a compartilhar mais características com produções informais da modalidade oral do PB. Nos chats, constatamos predominância da anáfora zero (77%), à qual se seguiram o sintagma nominal anafórico (13%), o pronome pleno (5%) e o clítico acusativo (5%) – distribuição similar àquela já atestada em dados da fala brasileira (e.g., DUARTE; RAMOS, 2015; DUARTE; FREIRE, 2014). Além disso, todos os grupos de fatores controlados foram selecionados na análise estatística como influentes na expressão da anáfora zero. Assim, o traço [– animado] nos referentes, distâncias referenciais menores e a função sintática de objeto direto no antecedente favorecerem a realização da anáfora zero, conforme também já verificado em amostras da modalidade oral do PB (e.g., OMENA, 1978; MARAFONI, 2010; PINHEIRO, 2016). Resultado semelhante fora encontrado por nós em Pinheiro (2017), em análise do OD de 3ª pessoa em interações privadas pelo aplicativo de chat WhatsApp. Os mesmos grupos de fatores foram correlacionados à expressão da anáfora zero, que, por sua vez, havia se mostrado a variante mais frequente, em 64,2% do total de dados. Assim, nas duas amostras de chat – tanto no Messenger, quanto no WhatsApp –, foram constatados para a variável OD de 3ª pessoa padrões semelhantes àqueles já observados em *corpora* característicos da fala brasileira.

No que tange às cartas pessoais, estas se distanciaram dos textos típicos da fala brasileira, visto que demonstraram percentual significativo do clítico acusativo (38%) – variante comumente associada à modalidade escrita, sobretudo em contextos de maior formalidade. Apesar disso, a anáfora zero foi a variante com percentual mais alto (43%), o que registra forte infiltração desta variante em textos da escrita informal brasileira já no fim do século XX. Quanto aos três grupos de fatores analisados, apenas um se demonstrou forte favorecedor da anáfora zero: o traço [– animado] nos referentes, já confirmado como um fator amplamente correlacionado ao objeto nulo (e.g., CYRINO, 2018a; 2018b). Também é relevante apontar que, apesar de a distância referencial não ter sido selecionada na análise estatística como favorecedora da anáfora zero, esta variável foi relevante para a anáfora zero e o clítico acusativo, se considerados conjuntamente. Ambas as variantes foram favorecidas nos contextos com menores distâncias entre as menções a um mesmo referente. Desse modo, compreendemos que, até mesmo quanto às variáveis correlacionadas ao objeto nulo, os dados de cartas pessoais aqui analisados se afastaram do que se espera para a fala brasileira.

Portanto, o estudo da variação do OD de 3ª pessoa nos leva a considerar que, entre os gêneros discursivos da escrita informal aqui observados, os chats privados, em comparação com as cartas pessoais, tendem a se aproximar mais de produções tipicamente associadas à fala. Esta é uma evidência advinda de um fenômeno sintático variável para a caracterização desses gêneros discursivos. Devemos nos lembrar, porém, de que, nessa perspectiva, mesmo as cartas demonstraram certa semelhança com os textos característicos do PB falado, devido ao alto percentual de anáfora zero constatado.

Assim, decorrem desta pesquisa novos questionamentos. Acreditamos que a análise de chats e cartas aqui apresentada traz novos elementos ao conhecimento desses gêneros discursivos, especialmente em termos da sua relação com produções típicas da modalidade oral da língua. Apesar disso, sabemos que há uma distância significativa entre as condições de produção de chats e cartas. Afinal, os *corpora* analisados, apesar de serem representativos da escrita informal, se diferenciam pela época de produção (os chats, em 2012; e as cartas, entre 1979 e 1984), pelos suportes nos quais se manifestam (em plataformas digitais e no papel) e pelo caráter síncrono ou assíncrono da comunicação. Julgamos, pois, que seja essencial analisar em outros gêneros discursivos, sobretudo em gêneros discursivos digitais, o mesmo fenômeno variável aqui estudado. Além disso, lembremos que a variação do OD de 3ª pessoa é um fenômeno sensível a pressões sociais advindas, em especial, da atuação escolar, o que tende a

contribuir para a diferença entre os graus de prestígio/estigma associados às suas variantes, a depender dos contextos nos quais se inscreva o uso da língua.

Desse modo, parece-nos coerente que se investiguem, por exemplo, dados de e-mails trocados por interlocutores com alto grau de intimidade entre si. Os e-mails, segundo afirma Marcuschi (2008), tendem a ser vistos como um gênero da área epistolar, de modo semelhante às cartas. Representam, portanto, um gênero discursivo digital que se aproxima das cartas, apesar de se realizar pela internet, o que tende a diferenciá-lo da correspondência convencional.

Destacamos ainda a importância de se estudarem outros fenômenos sintáticos variáveis em gêneros discursivos digitais, a fim de que se ampliem nossos conhecimentos sobre esses gêneros que se encontram em pleno desenvolvimento, em constante atualização e hoje em dia se infiltram em diversas esferas de atividade humana.

Em Pinheiro e Guimarães (2018), por exemplo, atentamo-nos também para a variação do sujeito de 1ª pessoa do singular nos mesmos chats do Messenger observados aqui. Nesse trabalho, encontramos maior tendência a não se expressar o pronome-sujeito *eu* – uma característica comumente associada à escrita convencional brasileira, e não à nossa fala. Eis, então, algo surpreendente: nas mesmas interações em ambiente digital, notam-se simultaneamente traços sintáticos típicos da fala e da escrita – respectivamente, a predominância da anáfora zero para o objeto direto de 3ª pessoa, e a não expressão do sujeito de 1ª pessoa do singular.

Faz-se necessário, portanto, que nos dediquemos à discussão sobre o comportamento dos gêneros discursivos digitais no contínuo fala-escrita – ou até mesmo se é preciso fugirmos às definições já conhecidas a fim de caracterizá-los devidamente. De todo modo, o que nos parece firmado é isto: a sintaxe dos nossos usos linguísticos feitos em ambiente digital pode (e deve) ser descrita cientificamente, a fim de evitarmos generalizações preconceituosas acerca das suas semelhanças com a fala ou a escrita convencionais. Afinal, os gêneros discursivos digitais se mostram muito presentes nas nossas interações cotidianas – e tendem a fazê-lo cada vez mais. Além disso, devido sobretudo à multiplicidade de plataformas nas quais se realizam e à variedade de esferas comunicativas que integram, tais gêneros parecem por vezes sobressair aos gêneros discursivos convencionais. Há, enfim, um admirável e desafiador ambiente novo a desbravar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada:** limpando "o pó das ideias simples". São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ARAÚJO, Júlio. Reelaborações de gêneros em redes sociais. *In*: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Org.). **Redes sociais e ensino de línguas:** o que temos de aprender? 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, pp. 49-64.

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 109-134.

ARAÚJO, Júlio César. **Os chats:** uma constelação de gêneros na internet. Tese de Doutorado em Linguística. Fortaleza: UFC, 2006.

AVERBUG, Mayra Cristina Guimarães. **Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 261-306.

BARON, Naomi. Enunciados segmentados em MIs. Tradução de Tania G. Shepherd. *In*: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013, pp. 125-155.

BAROT, Trushar; OREN, Eytan. **Guide to Chat Apps**, 2015. Disponível em https://academiccommons.columbia.edu/. Acesso em 29/03/2021.

BENTIVOGLIO, Paola. A variação nos estudos sintáticos. **Estudos Linguísticos, XIV.** Anais de Seminários do GEL. Campinas: UNICAMP, 1987, pp. 7-29.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Editora da USP, 1976.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

BUTLER, Christopher S. **Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscilla Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JR., Celso (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 45-61.

CHAFE, Wallace L. **Discourse, consciousness, and time:** the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Título original: **The Language Revolution**, 2004.

CYRINO, Sonia M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. *In*: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Orgs.). **Português brasileiro:** uma viagem diacrônica. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018a, pp. 129-142.

CYRINO, Sonia. O objeto nulo. *In*: CYRINO, Sonia; MORAIS, Maria A. Torres (Orgs.). **Mudança sintática do português brasileiro:** perspectiva gerativista. São Paulo: Contexto, 2018b, pp. 210-251.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Para uma nova descrição da sintaxe do 'português padrão'. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 51, 2015, pp. 23-41.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. **Variação e sintaxe:** clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1986.

DUARTE, Maria Eugênia; FREIRE, Gilson Costa. Como a escrita padrão recupera formas em extinção e implementa formas inovadoras. *In*: PAIVA, Maria da Conceição de; GOMES, Christina Abreu (Org.). **Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014, pp. 121-142.

DUARTE, Maria Eugênia; RAMOS, Jânia M. Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva. *In*: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 173-195.

FACEBOOK. **Informações sobre a empresa**, 2021a. Disponível em https://about.fb.com/br/company-info/. Acesso em 22/01/2021.

FACEBOOK. **Messenger**, 2021b. Disponível em https://about.fb.com/br/technologies/messenger/. Acesso em 22/01/2021.

GIVÓN, Talmy. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. **Studies in Language**, v. 15, n. 1, 1991, pp. 85-114.

GIVÓN, Talmy. Topic continuity in discourse: the functional domain of switch reference. *In*: HAIMAN, John; MUNRO, Pamela. **Switch Reference and Universal Grammar:** Proceedings of a symposium on switch reference and universal grammar, Winnipeg, May 1981. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1983, pp. 51-82.

GOMES, Christina Abreu. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. *In*: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa/Faperj, 2003, pp. 81-96.

GOMES, Luiz Fernando. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? *In*: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Org.). **Redes sociais e ensino de línguas:** o que temos de aprender? 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, pp. 81-92.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqayia. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

HERRING, Susan C. Grammar and electronic communication. *In*: CHAPELLE, Carol (Ed.), **Encyclopedia of Applied Linguistics**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012, pp. 2338–2346. Disponível em https://ella.sice.indiana.edu/~herring/e-grammar.pdf . Acesso em 23/07/2020.

HERRING, Susan C. Computer-mediated discourse. *In*: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Orgs.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001, pp. 612-634.

HERRING, Susan C.; ANDROUTSOPOULOS, Jannis. Computer-mediated discourse 2.0. *In*: TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E.; SCHIFFRIN, Deborah (Orgs.). **The Handbook of Discourse Analysis**, 2ª ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2015, pp. 127-151.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Título original: **Sociolinguistic patterns** [1972].

MARAFONI, Renata Lopes. **A distribuição do objeto nulo no português europeu e no português brasileiro**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras: UFRJ, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 15-80.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, pp. 9-14.

MURRAY, Denise E. Protean communication: The language of computer-mediated communication. **TESOL Quarterly**, v. 34, n. 3, 2000, pp. 397-421.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. **Alfa**. São Paulo, v. 38, 1994, pp. 109-127.

NUNES, Jairo. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. *In*: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Orgs.). **Português brasileiro:** uma viagem diacrônica. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018, pp. 161-173.

OMENA, Nelize Pires de. **Pronome pessoal de 3ª pessoa:** suas formas variantes em função acusativa. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC-Rio, 1978.

OTHERO, Gabriel de Ávila; CYRINO, Sonia; SCHABBACH, Giulia; MADRID, Leonardo; ROSITO, Rodrigo. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em *corpora* escritos com características de fala. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 45, mai./ago., 2018, pp. 68-89.

OTHERO, Gabriel de Ávila; SCHWANKE, Camila. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, 2018, pp. 147-185.

OTHERO, Gabriel de Ávila; SPINELLI, Ana Carolina. Analisando a retomada anafórica do objeto direto em português falado. **Revista Letras**. Curitiba, UFPR, n. 96, jul./dez., 2017, pp. 174-195.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Sociolinguística e texto. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JR., Celso (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 185-195.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Variação nos processos de referenciação correlacionada a gêneros discursivos. **Revista do GELNE**, Natal/RN, v. 14, n. especial, 2012, pp. 273-300.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. *In*: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, pp. 97-114.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Forma e função nos gêneros do discurso. **Alfa**. São Paulo, v. 41, n. especial, 1997, pp. 79-98.

PAREDES SILVA, Vera Lucia. **Cartas cariocas:** a variação do sujeito na escrita informal. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1988.

PETRONZIO, Matt. **A Brief History of Instant Messaging**, 2012. Disponível em https://mashable.com/. Acesso em 29/03/2021.

PIMIENTA, Penélope Citlalli Sánchez. **La segunda persona de singular em el portugués de Rio de Janeiro:** variación en la relación gramatical de objeto directo. Dissertação de Mestrado. Guadalajara: Universidade de Guadalajara, 2013.

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. Algumas particularidades do *WhatsApp*: proximidade com a fala ou com a escrita? **Linguística Rio**, v. 3, n. 2, jun., 2017a, pp. 1-10.

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. A variação do objeto direto de 3ª pessoa em uma escrita próxima à fala: conversas de WhatsApp. **Anais do X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística:** pesquisa linguística e compromisso político, 7 a 10 de março de 2017, Niterói, RJ. Niterói: UFF, 2017b, pp. 154-165.

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. A primeira parte de um estudo sobre a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa: a fala de jovens cariocas em regime socioeducativo. **Linguística Rio**, v. 2, 2016, pp. 50-60.

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes; GUIMARÃES, Letícia da Silva. A variação do sujeito e do objeto direto na Web: o *chat* do Facebook e conversas de WhatsApp. **9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ**. Faculdade de Letras, UFRJ, mimeo., 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje:** palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali. **GOLDVARB 2001:** A Multivariate Analysis Application for Windows. Manual do usuário, 2001. Disponível em http://www.romanistik.uni-freiburg.de/pusch/Download/variacionismo/GoldVarb2001_User_manual.pdf. Acesso em 24/01/2021.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012. Título original: **Cours de linguistique générale** [1970].

SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. O princípio: entrevista com David Crystal. *In*: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G (Orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013, pp. 17-35.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, pp. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Título original: **Empirical foundations for a theory of language change** [1968].